

Organização:
Fran Cerqueira

III ANTOLOGIA DA AESSP

A POESIA CONTRA TODA VIOLÊNCIA AO Feminino

ARCA
EDITORA

III ANTOLOGIA DA AESSP

A POESIA CONTRA TODA VIOLÊNCIA AO FEMININO

Organização:
Fran Cerqueira

Capa:Mulher na escada
Artista plástica: Dona Z

ARCA

Copyright © 2025 by Fran Cerqueira

Grafia atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Montagem da Capa
Helen Priscylla Saraiva

Arte da capa
Dona Z

Diagramação
Ed Saraiva Jr

Coorganização (Seleção e Revisão)
Auridéia Moraes
Eliane Soares
Evilangela Lima
Lara Borges

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T315 III antologia da AESSP : a poesia contra toda violência ao feminino / organização: Fran Cerqueira. - 1. ed. - Belém: Arca Editora, 2025.

146 p. : il.

ISBN: 978-65-988065-1-4

1.Poesia paraense. 2. Poesia brasileira. 3. Antologia poética. 4. Literatura brasileira. I. Cerqueira, Fran (org.).

CDD: Ed. 23 – B869.01098115

Semias Araújo - Bibliotecário - CRB-2/1225

[2025]

Todos os direitos desta edição reservados à

Arca editora
Rua Ana Alvarez, 6.
67125-080 - Ananindeua - PA.
Telefone: (91) 98550-6481
Instagram: @editoraarca/
arcaeditora7@gmail.com
www.editorarca.com.br

Sumário

ADÃO ALMEIDA 18
AIRTON SOUZA 22
ALDEMIRA AGUIAR 27
AURIDÉIA MORAES 30
CEZAMAR OLIVEIRA 34
CLAUDIA CHINI 39
DAN BARON 45
ELIANE SOARES 50
EVILANGELA LIMA 57
FRAN CERQUEIRA 62
FRANCISCO LIBERATO 64
FRANKLIN HIPOLITO 69
HUNDRIANA RIBEIRO 75
GLECIA SOUSA 80
JEANIA SOBRAL 84
JORGE LUIS RIBEIRO 93
KENNYA SILVA 97
LARA BORGES 103
LUSA SILVA 108
LUCIANA MELO 113
NILVA BURJACK 116
LADIS 120
REJANE CÉSAR ARAUJO 125
SOL DOS CAMPOS CRUZADOS 129
VALDIR DE ARAÚJO 135
VANDA MELO 142
DONA Z 145

Apresentação

(Por Fran Cerqueira)

A temática escolhida para esta III Antologia coloca-se como necessária nesse momento em que cresce em nosso país todas as formas de violência contra as quais as mulheres vêm lutando secularmente. Evidenciar a luta em favor das mulheres se faz urgente, portanto, em todos os campos. E a literatura, a poesia, sendo também um campo de luta, para além da fruição poética que traz beleza, sensualidade, utopias através da linguagem, pode provocar também reflexões para a vida prática, neste caso, em prol da vida das mulheres.

A escolha dessa temática é por entendermos que por estarem se aventurando a pôr-se contra um mundo patriarcal, que ainda entende as mulheres como propriedade e as quer restritas ao ambiente doméstico, pois as coloca como menos importantes, menos capazes, tolhendo seu poder de decisão com relação ao seu corpo, sua sexualidade, sua autonomia de modo geral, as mulheres estão sujeitas a opressões que as violentam e matam todos os dias.

Todos os dias as estatísticas, a exemplo das divulgadas por instituições como o Fórum Brasileiro de Segurança Pública[1], Instituto Patrícia Galvão, ONU Mulheres[2], e outras, trazem o índice alarmante de mulheres vítimas da violência doméstica, violência obstétrica, violência de gênero, violência psicológica, violência patrimonial, racismo, e tantas outras violências que via de regra são prenúncios do assassinato de mulheres, o que resulta no índice cruel de feminicídios que o país apresenta. Segundo a Agência Patrícia Galvão, o Brasil "é o 5º país com maior taxa de assassinatos femininos no mundo[3]"

Desse modo, a ***III Antologia da AESSP - A poesia contra toda violência ao feminino*** traz em seu bojo o desejo de que a poesia

1.https://forumseguranca.org.br

2.http://www.onumulheres.org.br

3.https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/feminicidio/

na bordadura literária seja um agente de transformação para um futuro melhor para mulheres e meninas, objetivando, pois, divulgar uma poesia que se coloque a favor da eliminação de toda forma de opressão. Desse modo, visa promover a divulgação da poesia atravessada por esse viés do apoio incondicional à autonomia das mulheres em qualquer campo social, seja no âmbito familiar, na literatura, na ciência, na política, colocando-se contra qualquer atitude violenta.

É nesse caminho que esta III Antologia da AESSP visa trazer uma contribuição social. Os textos dos escritores, escritoras e poetas reúnem a poesia produzida por pessoas que têm interesse em contribuir com a conscientização sobre a construção de um mundo melhor para as mulheres, bem como promover o incentivo à leitura, a divulgação da produção poética, e a valorização do livro e da literatura como valores inalienáveis da associação de escritores, para a construção de uma consciência cidadã.

Assim, a temática desta antologia é o mundo feminino, como é, e como desejamos que seja. Os textos literários/poéticos selecionados trazem no seu âmbito geral a referência às opressões e violências vividas pelas mulheres, mas também ao seu empoderamento, liberdade e autonomia. A distribuição, conforme idealizada, a instituições da área da educação, e outros setores, para a abordagem, discussão e reflexão da temática trazida através da literatura, possibilitará um maior alcance dessa discussão que intenta promover a conscientização sobre a inaceitável realidade das mulheres na nossa sociedade e sobre a construção de um mundo melhor para todas as meninas e mulheres: um mundo sem violência.

Por fim, "quem conta um conto aumenta um ponto", diz o adágio popular. Aqui queremos mostrar todos os pontos da violência contra a mulher, e nem precisamos aumentar nenhum, pois a violência já é grande demais e de todos os tipos – física, psicológica, moral, patrimonial e tantas, tantas, tantas outras. Mas a poesia vem nos socorrer e empoderar! Com os contos e poemas aqui apresentados, a poesia escapa pelas pontas dos dedos para escancarar a violência de um mundo patriarcal, mas também para contar as nossas conquistas e resistência. Estamos todas, todos e todes de pé com punho em riste, resistindo para transformar esse mundo em um lugar mais pacífico, amoroso e poético. Que a poesia conte, cante e encante pela vida de todas as mulheres!

PREFÁCIO

(Por Cláudia Chini)

Apresentar este livro é atravessar memórias, corpos e silêncios. A III Antologia da AESSP, "A Poesia Contra Toda Violência ao Feminino", não nasce do acaso. Ela emerge do ventre ferido de uma sociedade que ainda insiste em violentar mulheres, meninas, territórios, identidades e ancestralidades. Mas nasce, sobretudo, da força. Da palavra insurgente. Da poesia que não se curva.

Ela é costurada na bordadura mais fina da palavra e na aspereza mais urgente do tempo. Tempo em que ser mulher ainda significa carregar nas veias o medo, nos ombros o silenciamento, e na pele o peso das violências que tentam, todos os dias, nos reduzir ao invisível.

Mas aqui, a poesia se nega a calar. Cada verso reunido neste volume é ato de resistência e insurgência, um gesto de letramento poético-político capaz de despertar consciências, emocionar e transformar. É uma resposta delicada e, ao mesmo tempo, implacável, ao patriarcado, ao machismo, a LGBTQIA+fobia, ao racismo estrutural, à misoginia que sangra o feminino em todas as suas formas. Cada autora e autor faz da escrita um gesto de enfrentamento e de re-existência. O cotidiano, o quintal, o rio, a memória das avós se transformam em verso e resistência.

Adão Almeida, com "Mulher não é objeto", evoca a necessidade de respeitar e proteger as mulheres, denunciando as raízes da violência social e doméstica. **Airton Souza**, em "Pequeno tratado para desconsolar os bárbaros", transforma a poesia em manifesto contra o feminicídio e toda brutalidade que ainda nos cerca. **Aldemira Aguiar**, autora de "Marizaaa", costura prosa e memória ao grito materno que ecoa perdas e violências, resgatando a resistência feminina. **Auridéia Moraes**, nos traz, uma declaração lírica de autonomia, onde a mulher se faz território livre, irredutível aos julgamentos alheios, com desejo próprio e consciência de si. **Cezamar Oliveira**, subverte a metamorfose de Franz Kafka com ironia e dor, revelando no corpo feminino metarmorfoseado, o espelho

da misoginia e a travessia silenciosa até o feminicídio. **Claudia Chini** — minha contribuição — "Erga a sua voz" e "O falar", exaltam o rompimento dos silêncios e a potência da palavra como ferramenta de resistência e cuidado. **Dan Baron**, especialmente em "Por que já?", faz da poesia um rio vivo de cura e memória, onde a Amazônia feminina resiste com canto, dança e ancestralidade, reinventando-se em meio às feridas abertas da colonização. **Eliane Soares**, na força de sua escrita poética, revela a mulher como travessia e verbo insurgente, labirinto de sonhos guardados, timoneira do próprio destino, cuja palavra se recusa ao jugo e se ergue, firme, como ponte, vela e poesia viva. **Evilangela Lima**, nos conduz a um mergulho visceral na interioridade da mulher que resiste, sangra e refaz-se. Entre a crônica poética e o manifesto lírico, se desloca da contenção à explosão, do cotidiano à metafísica, da crítica social à poesia existencial; reinventa o cotidiano como rito de insurreição. **Francisca Cerqueira**, organizadora da obra, transforma literatura em trincheira e apresenta uma poesia de resistência a força ancestral que habita as mulheres e a necessidade urgente de igualdade. **Francisco Liberato**, em seus versos, aponta as contradições de um mundo que silencia o feminino e exalta a resistência poética. **Franklin Hipólito**, jovem voz, expressa em seus textos o desejo de uma sociedade menos violenta e mais igualitária. **Glecia Sousa**, com poemas como "Ser mulher", "A poesia salva" e "Não é não", transforma suas vivências e militância literária em denúncia e empoderamento. **Hundriana Ribeiro**, em "Re-existência", poetiza a dor e o renascimento de quem sobrevive à violência, costurando palavras que curam. **Jeania Sobral**, autora de canções como "Eu sou dona de mim" e "Gritos do silêncio", transforma música e poesia em ferramentas de autonomia e conscientização para uma existência plena. **Jorge Luis Ribeiro**, transforma a memória em crônica e poesia encarnada, onde a mulher é chão, costura e coragem, realismo lírico que sussurra denúncia e planta futuro. Em "De como cerziu-se a vida", a mulher é tecedora de futuro, corpo-território que sustenta, nutre e reinventa o tempo com agulha, terra e memória. **Kennya Silva**, semeia poesia com mãos de lavradora e alma insurgente, entre o barro e o verbo, floresce a mulher inteira. Em "Uma Maria Quarquér" traz a poesia de chão batido, canto de pertencimento e dignidade: uma mulher da roça que exige ser vista com olhar equânime. Ao mesmo tempo que subverte estereótipos e transborda identidade própria em "Bela, Recatada e do Lar?".**Lara Borges**, em textos como "Hoje eu não irei morrer", "O peso do silêncio" e "Por todas nós", traz a urgência de romper o ciclo de feminicídios e fortalecer as redes de apoio. **Luciana Melo**, entrelaça escrita, recorte e colagem em enfrentamento às diversas formas de violências de gênero onde cada sobreposição é pele que protesta, cura que cola, verbo que se ergue entre as ruínas do silêncio. **Lusa Silva**, em poemas como "Ousadia" e "Quem eu seria", onde sua voz poética celebra as múltiplas formas de ser mulher, entre Maria e Lampião, entre sonho e resistência. Com ritmo de cordel e afeto, ressignifica o cotidiano e borda, com delicadeza e firmeza, um gesto coletivo de reinvenção e pertencimento. **Ladis**, em "Decretei": ato poético de reconstrução, em que o corpo feminino, violentado, despido de segurança e cercado por medos, passa por um processo de ressignificação e emancipação, onde o coletivo emerge como apoio, mas o protagonismo da decisão é da mulher que escreve seu destino. **Nilva Burjack**, emana força ancestral e espiritual, enraizada na terra, na cor e na voz das mulheres negras e indígenas da Amazônia. Em "Cor de Bacaba" e "Chão da Canção", sua poesia é canto de raiz e céu, verbo que floresce entre dor, fé e rebeldia contra o apagamento e a subalternização dos corpos femininos racializados. **Rejane César Araújo**, em "É Medo" traz um grito literário de acolhimento e resistência, onde o trauma feminino se desvela em camadas de silêncio, memória e solidariedade, e a palavra se converte em abrigo para Madalenas feridas pelo sonho interditado e pelo medo imposto. **Sol dos Campos Cruzados**, com "2ª chamada para o final feliz", denuncia os ciclos de violência e aponta caminhos de esperança e superação. **Valdir de Araújo**, em seus poemas, entrelaça masculinidades conscientes ao combate das violências que atingem o feminino. **Vanda Melo**, nos poemas "Ponto Cantado", "Líquida" e "(Pele)grafia", é uma pelegrafia insurgente e aquosa, onde o corpo negro feminino se costura em canto, corda e pele, bordando memórias interditadas, ancestralidade viva e gestos de cura. Sua palavra escorre como rio, transborda oralidade, e inscreve

no verso o que a colonialidade tentou calar: o pertencimento, a travessia e a potência de uma existência feita de encantaria, raízes e insubmissão.

Esta Antologia é, também, fruto do compromisso da AESSP em fazer da literatura não apenas um espaço de criação, mas um território de enfrentamento às violências e de valorização da diversidade de vozes que compõem nosso Sul e Sudeste do Pará.

Enquanto presidenta da AESSP e do Conselho Municipal de Política Cultural de Marabá, tocada pelo comprometimento e sensibilidade na escrita de cada escritora e escritor, reafirmo que proteger a palavra, a memória e a cultura das mulheres é, antes de tudo, política pública de reparação e afirmação dos direitos culturais.

A cultura não é ornamento. É direito. E o direito à literatura, à poesia e à palavra também se inscreve no enfrentamento à violência de gênero que esta Antologia denuncia e transforma. A poesia aqui não embeleza feridas. Ela as expõe. Denuncia. E semeia esperança. Que este livro seja, pois, um instrumento de letramento poético, de letramento político, de formação de consciências críticas. Que sirva aos amantes da poesia como espelho e janela: espelho para refletirem suas próprias percepções sobre as violências ao feminino; janela para abrirem-se à possibilidade de construir relações mais justas, respeitosas e igualitárias.

E que fique gravado: Não há poesia neutra. Não há escrita sem posicionamento. A poesia que se omite diante do sofrimento, da desigualdade, do feminicídio e do racismo estrutural apenas perpetua as violências que fingimos não ver. Esta coletânea — diversa, plural, insurgente — é um convite à escuta, ao acolhimento, ao incômodo necessário. Convido você, leitora, leitor, a se deixar atravessar por essas palavras. Que elas toquem sua pele, sua memória, sua consciência. Que, ao final desta leitura, reste a certeza de que a poesia, como afirmação de vida, é também ferramenta de enfrentamento.

Que este livro circule. Que estes versos sejam lidos em salas de aula, em praças públicas, em rodas culturais, nas ruas e nos cantos esquecidos. Que chegue às mãos de quem precisa lembrar que a palavra transforma. Sigamos, denunciando, existindo, resistindo, erguendo palavras, afetos e punhos em poesia.

POEMAS E CONTOS
(AUTORAS E AUTORES)

MULHER NÃO É OBJETO

Leitor e amigo peço licença
Quero eu aqui me expressar
Sou o poeta Adão Almeida
Poetizando sem me cansar
O tema é o universo feminino
Bom conteúdo a se repensar

Narro o tema parcialmente
Digo porém com propriedade
Tenho visto e acompanhado
Efeitos machistas e covarde
De maus tratos as mulheres
Por toda parte da sociedade

Visto que na fase de criança
Já era de costume presenciar
pois essa reprodução primária
Da-se no âmbito do próprio lar
Grosseiros no atributo da força
Usam para começar a humilhar.

São todos os tipos de torturas
Seja físicas e psicologicamente
pois o prazer desses monstros
É sobressair como um valente
pessoa com uma mente dessa

Não passa de um delinquente

Isso é ridículo mas vou dizer
Pois vem do início da criação
Nossas mulheres são atacadas
Por quem não tem reputação
Os feminicídios são crescentes
O caminho será a intervenção.

Na condição de pai de filhas
passei dor e muita provação
Ver a filha que criei com carinho
Apanhar de um canalha machão
Me transformei num pai aflito
Diante dessa terrível situação.

Mulher por favor denuncie!
Não conte tanto com a sorte
Lembre-se das autoridades
seja você sabia e muito forte
Agressão representa perigo
E pode te conduzir à morte.

Deixou aqui essa mensagem
De amor, carinho e afetividade
Mulher merece ser respeitada
Faz parte do todo na sociedade
Nunca queira você subestimá-la
Ela não é objeto nem propriedade.

ADÃO ALMEIDA

Adão Almeida dos Santos [Marabá/Pará] nasceu em São Sebastião do Tocantins-TO em 1971, o mesmo é radicado em Marabá desde 1980. O escritor viaja nos vieses da poesia, literatura de cordel e na literatura infantil. Atualmente, com 15, obras publicadas e participação em 20, antologias poéticas, com destaque em duas no país do México.

PEQUENO TRATADO PARA DESCONSOLAR OS BÁRBAROS

I

Nenhuma mulher deveria morrer
feito uma primavera que hoje mesmo
murchou antes do tempo
ou feito as chuvas
que param de repente
deixando dentro do nome horizonte
a indubitável dor da palavra saudade
significar para sempre
vazios, fomes e abismos.

Nenhuma mulher deveria sucumbir
pelas mãos de bárbaros
que com o coração petrificados
e desenhados pelo que há de mais irremediável
dentro do horror e do ódio
ou benzidos pela cor dos betumes
se alimentam mais de rancor
do que do amor.

Nenhuma mulher deveria
ser transformada em pedra ou sal
pela ordem de bárbaros ou de um deus
feito a nossa imagem e semelhança
ou serem obrigadas como Ágar

a atravessar descalça outros desertos
sonhando com água e árvores
aprendendo a verdade sobre o peso da fome
antes dos nomes pão, solidão e auroras
significarem qualquer coisa.

Nenhuma mulher deveria
dormir ou acordar
aterrorizada pela dor
assombrada pelo que ainda
lhe resta dentro do nome tristeza
pois nenhuma mulher deveria
dormir ou acordar
sentindo seu corpo desbenzido.

Toda mulher deveria
lutar contra todos os modos
de violências contra seu corpo
contra seus sentimentos
contra seu próprio nome.

Nenhum mulher deveria
sentir o peso e a amargura
de suas esperanças dilaceradas
pelas mãos de bárbaros
que esqueceram para sempre
todos os sentidos do amor
e já não se importam
se ainda é possível

adiar o fim do mundo
ou abraçar outonos sem desígnios.

II

Quanto centímetros ternura e compaixão
dilui-se quando uma mulher
já não tem mais liberdade para desenhar
outras paisagens em seus dias?
Quantas neblinas ficam sem sentidos
quando qualquer mulher é silenciada
antes de seus cabelos embranquecerem?

Todas as mulheres violentadas
sabem qual é o fedor dos bárbaros

Hoje mesmo nenhum bárbaro
deveria ter forças suficientes,
como se fossem rinocerontes
que desconhecem céus e azuis,
para violentar, sem piedade, mulheres.

Todas as mulheres violentadas
entrelaçando os dedos
como se fossem fazer uma única reza
um dia terão coragem de sepultar
em cada centímetro dos oceanos
o sentimento de rancor
abraçado ao coração dos bárbaros.

Nenhuma mulher deveria morrer
por meio de qualquer violência
porque todas elas
sabem a receita de como
hoje, antes de anoitecer,
desconsolar os corações dos bárbaros.

Através de suas imaginações
cada mulher, a sua maneira,
sabe desabraçar o rancor,
fazer dos bárbaros
pequenos tratados inconsoláveis,
e sem medo do escuro são capazes de gestarem
o que há de mais notívago no amor e nas estrelas.

AIRTON SOUZA

Airton Souza [Marabá/Pará, 1982] - é escritor, doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e professor da educação básica. Autor de *Outono de carne estranha* (Record, 2023), romance vencedor do Prêmio Sesc de Literatura e finalista do Prêmio Oceanos 2024, Prêmio São Paulo de Literatura 2024 e Prêmio Mix Literário 2024. Com o livro de poemas *Horóscopo de batizar brumas contra a solidão das asas* venceu o Prêmio Cidade de Manaus. Publicou 51 livros e venceu mais de 200 prêmios literários.

MARIZAAAA

Marizaaa! Era esta a palavra que ela gritava o dia inteiro, percorrendo todas as ruas da cidade, sem resposta ao seu doido coração de mãe.

Elza era seu nome. Uma senhorinha de baixa estatura, cabelos lisos, loiros e curtos. Nasceu numa cidadezinha no interior do Maranhão chamada Caxuxa. Filha de pais cearenses, lavradores, que ali chegaram, corridos pela seca do nordeste. Pegaram o trem de ferro (maria fumaça) em Terezina (Piauí), partiram pra São Luís, capital do Maranhão, embrenhando-se mata a dentro , queimando lenha e soltando faíscas...

Os passageiros desembarcavam em Coroatá, MA, de roupas e chapéus queimados de faíscas. Dali, seguiam para o interior maranhense, em busca de lugares férteis, onde chovesse, para ali, buscarem uma vida melhor.

E assim, aconteceu com os pais de Elza (Francisco das Chagas e Rosa Maria Martins). Chegaram e se estabeleceram em Caxuxa, onde conseguiram prosperar e aumentar a família.

Elza era a primeira filha, criada com muito sacrifício, não estudou, trabalhava na roça com os pais, até que um dia conheceu Jacob, um jovem de boa família, e se casaram. Jacob era um marido amoroso e trabalhador; tiveram uma filha a quem deram o nome de Mariza.

Passaram-se cinco anos, quando um mal sem cura levou Jacob para sempre. Com a morte de Jacob, Elza foi definhando e deixando Mariza sozinha em casa. Estava deprimida e sem rumo.

Os tios de Mariza ficaram preocupados com a situação da criança e, num ato de amor, tiraram a criança para morar com uma tia, em

Brasília. Elza quando sentiu falta da filha, piorou e daí por diante, passou a perambular pelas ruas, gritando por Mariza...

Ficou muitos anos passando pelo sofrimento que parecia não ter fim. A famlia cuidava dela, internava_a quando ela estava mal, ela recebia cuidados psicológicos, mas sempre recaia. Porque nao conseguia se livrar da saudade da filha... Enquanto isso, Mariza estava sendo bem criada pela tia, estudando em boas escolas.

Aos 22 anos, Mariza se formou em Direito, conseguiu um bom emprego e, chegando as primeiras férias, pediu para a mãe (adotiva) para ir conhecer sua terra natal e sua família materna.

Se organizou, comprou presentes para todos de quem tinha notícia e partiu. Chegando a Caxuxa, quando desembarcou, ouviu seu nome repetidas vezes. Foi olhar quem estava chamando... era Elza _ ficou pasma ao ver a situação daquela mulher.

Não quis se aproximar, temendo uma provável agressão física, no entanto não se afastou e foi orientada à leva-la a um hospital.

Assim ela fez; chamou uma ambulância e a levou para um tratamento.

Passaram-se quinze dias, quando Mariza retornou ao hospital onde Elza estava internada. Para sua surpresa, Elza quando a viu, chamou pelo nome e a abraçou muito feliz. Dai por diante, Elza se restabeleceu e a filha, muito feliz, levou-a para Brasília.

Bonita como era, Elza não demorou muito para arrumar um pretendente, o Augusto. e pouco tempo depois, os dois estavam casados e felizes.

REPÚDIO À VIOLÊNCIA

Tanto sangue derramado
Tantos corpos pelo chão
Tantas mães desesperadas
Pais, filhos , tios, irmãos!
VIOLÊNCIA, NÃO!

O machismo , de arma em punho,
Vulgariza e mata mulheres.
É o feminicídio em ação...
VIOLÊNCIAS, NÃO!

A vida é dada por Deus
Só ele pode tirar
Mas está desvalorizada
Pelo desejo de matar...
VIOLÊNCIA, NÃO!

Bandidos soltos nas ruas
Cidadãos por trás das grades
Sair de casa é perigo
Roubo seguido de morte...
VIOLÊNCIA, NÃO!

Hasteemos BANDEIRA BRANCA
Pedindo a Deus a Paz
Pra evitar que outra guerra
Venha o homem exterminar...

VIOLÊNCIA, NÃO!

De mãos dadas pela VIDA,
Não à GUERRA!
Sim à PAZ!
Viva o AMOR!
VIOLÊNCIA, NÃO!

SEREI EU FEMINISTA?

Sou fêmea
Sou mulher
Sou pluma
Sou pedra bruta
Sou o SER que
Busco ser...
Tenho o valor
Que procuro
Quero o respeito
Que dou
Sei amar
Sei ser amada
Sigo em busca da igualdade
de direitos
Desta feminina
ousada e empoderada que sou.

ALDEMIRA AGUIAR

Aldemira Aguiar [Marabá/Pará]. Nascida em Bacabal-MA em 27/06/1945. É professora normalista, viúva, aposentada, artista plástica e poeta. Tem cinco livros publicados, três livros de poesia sendo um de poesia infantil, um livro de frases e um livros de contos infantis: Respingos de Sabedoria e Pelos Caminhos, Conte Logo Vó!, Fragmentos da Alma e Sarau da Vovó.

I
Não importa o ângulo
preciso ser respeitada
meu canto
minhas ideias e ideais
meu vestido
minhas cores e opções
meu prazer
que pelo meu esmalte
eu não seja medida
analisada e condenada
que em qualquer espelho
eu mesma
faça minha moldura
sendo desejo
e minha própria figura

II
Comemoro minhas
verdades
comemoro minhas
mentiras
de mim, razões se acercam
como feras
a janela de vidro
dita regras
ainda que ninguém
perceba
nada em mim
se cala

III
Nunca fui mulher
para agradar
nem me desfiz em tantas
preocupações
com gregos e troianos
as aflições de agosto
deram-me gosto
e rumo a um túnel
que corre em mil direções
que culpa tenho
se só faço
o que me apraz?

IV
Um círculo azul
e indecifrável
avalia que minha palavra
é sólida
eu posso ser
a moldura que eu quiser
tudo pode ser desconstruído
ou permanecer firme
meu espaço é livre
e livre sou
para discordâncias
mas sendo um território amplo
e um tanto complexo
há sombras
em sua descrição

AURIDÉIA MORAES

Auridéa Gomes da Silva de Moraes [Marabá-PA]. É membra da Associação dos Escritores do Sul e Sudeste do Pará (AESSP) e membra fundadora da Academia de Letras de Rondon do Pará e Região (ALERPRE). Tem quatro livros publicados: Amor em/in Versos (2017); Um Novo Olhar (2017); Doce Lâmina de Liberdade (2018) e Canções Inacabadas (2021). Tem participação em várias Antologias.

A METAMORFOSE DE PAULO

Paulo Paixão era homem, como ele mesmo costumava dizer, com H (agá), maiúsculo, — Para os homens sou Paulo, para as mulheres. Paixão! — essa era sua apresentação, pra frente e sem vergonha, gostava de assediar, num transporte público lotado era sempre ele as mulheres a bolinar, as coitadas se afastando e ele se chegando, Paulo não via problema algum em ganhar mais para fazer o mesmo serviço que uma mulher, se alguém perguntasse, ele dizia: "— É assim que as coisas são!" — Meneando a cabeça sem nenhuma preocupação. "— Luta por direitos? Isso é falta de macho! Vem aqui pro papai aqui que eu te faço esquecer esse diacho!" — Repetia sempre quando ouvia alguém do assunto falar.

Certo dia, Paulo acordou e percebeu que numa mulher havia se transformado, o cabelo dava no meio das costas, o queixo antes quadrado havia ficado delicado, seu nariz um tanto grosseiro agora estava afilado, buscou aflito seus documentos, mas eles haviam sumido! Com o estômago gelado, ele observou que agora tinha seios fartos, uma bunda redondinha e uma cinturinha bem fininha.

— Eita porra, virei uma cocota! — Gritou agoniado.

Consternado com a situação caminhou pelo seu apartamento, logo descobriu que não foi só ele que mudou, seu guarda-roupa também e até as fotos na parede, aquela mudança havia alcançado até sua família, ao telefone mamãe disse: se quiser mudar de time, eu te apoio filha!

Indignado(a), procurou as fotos no celular, mas ao invés da sua linda namorada, tinha um cara musculoso, sorrindo segurando sua cintura, Paulo(a), sentiu um asco de imaginar num homem lhe agarrando por trás, então pensou:

"— Ninguém lembra de mim, macho, que loucura é essa? Será que estou ficando louco(a), aparentemente paulo não existia mais, agora ele era Paula!" — Apesar da confusão mental, decidiu que fosse homem ou mulher, ainda precisava trabalhar, as contas não se pagavam sozinhas. Dava trabalho se arrumar, ele tinha que acordar mais cedo para se pintar, no começo foi difícil, mas em alguns dias, ele(a), pegou o jeito. O transporte público lotado era sempre um suplício, homens lhe comendo com os olhos e tentando lhe bolinar, ele(a), tinha vontade de vomitar, mas fazer escarcéu seria pior, por isso acabava por se afastar.

No serviço seu chefe lhe comia com os olhos, mesmo que no crachá estivesse escrito Paula, ele só lhe tratava por "Paixão", o mesmo faziam os colegas de profissão.

Agora ele(a), sabia como uma mulher se sentia desanimada por ouvir cantadas desnecessárias de caras que ele não está interessada, aliás ele(a) não se interessa por homem nenhum, cresceu gostando de mulher e não ia mudar de ideia só por que mudou de sexo.

No final daquele mês ela queria matar todo mundo, mas uma mancha de sangue na roupa denunciou, ela só estava menstruada. — Deus, isso vai acontecer todo mês? — triste, se perguntava.

Logo, chegou o dia do pagamento, Paulo(a) constatou zangada que seu salário estava menor do que recebia quando era homem, então foi com o seu chefe reclamar.

— Se trabalhamos igual porque recebemos diferente? — Seu chefe respondeu depressa.

— Não sou eu que crio as regras, é assim que as coisas são! — Ouvir aquela expressão, oa fez lembrar que quando era homem isso também não se chateava com isso não.

Saiu irritada do escritório, enquanto ouvia mais uma cantada,

— trabalha por que quer, eu te dou casa, comida e roupa lavada! — Paulo(a), não escutava, pois mentalmente contabilizava as dívidas que pareciam maiores agora que ele(a) era mulher. E olha que isso nem foi o pior, a coisa começou mesmo a azedar quando decidiu com o namorado terminar, evitou ele o mês inteiro e na primeira vez que o cara apareceu Paulo(a), explicou que não queria mais nada com ele, o homem com um e oitenta de altura e trinta e cinco de bíceps e sabe-se lá quanto de peitoral, apontou-lhe o dedo na cara.

— Se tu não ficar comigo, não fica com ninguém! — Ameaçou transtornado.

— Eu vou te matar se te pegar com outro macho! — Paulo(a), achou desnecessário explicar qualquer coisa depois disso, apenas observou o maldito pisando duro andando todo inchado igual a um galo-de-briga. — Jamais terá esse gostinho de me ver com um peão por aí — pensou consigo.

Na volta para casa sempre via o ex montado em sua moto, vigiando para ver se ele(a), não tinha outro, preocupado(a), com a perseguição, procurou a delegacia, mas lhe disseram que não podiam fazer nada, ele era "gente de bem", sem antecedentes criminais, não tinha feito nada com ela, então Paulo(a), teve que viver com mais esse problema, sempre sobressaltada.

O tempo foi passando, dias viraram meses, e agora faziam dois anos da sua transformação, sentia que cada vez mais seus dias de Paulo iam ficando para trás, isso ficou claro quando ele(a) se sentiu atraída por um bom rapaz, um cara legal, respeitoso e trabalhador que havia conhecido por acaso na saída do trabalho, contra tudo que acreditava, começou com ele um romance, queria ser amada e esquecer dos seus problemas, só queria ser feliz.

Um dia depois do cineminha, seu romântico namorado foi em

casa lhe deixar, assim que o namorado se foi, Paula se voltou para a porta, deu de cara com o ex, que estava escondido no escuro, seu cabelo ele agarrou, um puxão, um soco, outro puxão, outro soco, e para fechar com chave de ouro, deu-lhe um tapa tão forte que na sarjeta ela caiu, bateu com a cabeça no meio fio, ali deitada vendo sua vida se esvaindo, vermelha pelo esgoto abaixo não conseguia compreender o que havia feito de errado para esta terrível sina merecer.

Antes de tudo ficar escuro, pensou consigo na dureza da vida feminina, na crueldade que a sociedade fecha os olhos para não ver, pior, que incentiva a acontecer, então confortou-se com o pensamento da morte, tendo sido homem antes, não ia mesmo se adaptar a esta vida feminina que não precisava ser tão sofrida.

A reflexão aqui proposta fica para a macharada de plantão, tenha um pouco de empatia, e se fosse você no lugar dela como você se sentiria meu irmão?

CEZAMAR OLIVEIRA

Cezamar de Oliveira Serra Junior [Marabá-PA]. Marabaense, Administrador de empresas, publicou seu primeiro livro em 2013. Atualmente o autor tem treze livros publicados, cinco em mídia física (livro papel), e oito publicados em plataformas digitais como Amazon® e Wattpad®. Membro da ALMA (Academia de Letras de Marabá), e da AESSP, (Associação dos Escritores do Sul e Sudeste do Pará).

ERGA A SUA VOZ

(Para bell hooks)
Em meio a sensação de não estar sozinha.
Ela se apercebe da urgência de se caminhar do silêncio para a fala.
Na força do instante, ela se ergue. Uma voz, um eco, um grito.
Cada palavra, um eco coletivo.
Despertando o feminino ancestral e a força natural. E soerguendo todas as mulheres,
Cada gesto de coragem, uma semente a brotar. Nos corações, sua força se expande.
Incitando seus pares a também romper silêncios. Reverberando o significado em suas mentes: Celebremos cada voz que se ergue,
Aplaudamos toda mulher que na luta se integra e segue.
No contínuo movimento pela paz. Cada defesa, uma revolução.
Todas são fortalecidas na mesma missão.

O FALAR

Na essência do ser, um vasto universo. Além das palavras, o eco imerso.
A existência se faz em gestos e olhares. O falar transcende o som emitido.
É a alma, a vida, o ser entendido, nas sutilezas que o mundo faz brotar.
Nas entrelinhas do silêncio, a presença, a voz que ecoa na mais pura essência. Não se restringe ao mero articular.
É poder existir, se revelar.
Nas entrelinhas, nas entrementes da vida, revela-se a essência, a alma compartida. É a melodia do coração pulsante.
A expressão do eu, o pensamento vibrante. Cada palavra é um pedaço de quem somos, é a matéria da alma, onde nos pomos.
Não é só a língua que nos faz existir. Mas a presença que nos faz persistir. No toque, no olhar, na empatia sentida, reside a verdadeira voz da vida.
Em cada ato, em cada respirar. Falar é ser, é se conectar.
No palco da vida, é poder se expressar. Na dança das palavras, na poesia do viver. É a força do existir, é o ser renascer.
Que nossa existência seja nossa voz!

AFRONTE

No eco das eras, a voz desperta, Mergulhando fundo, a alma asserta. Abandonando a sombra da invisibilidade. Desafiamos correntes, com força e habilidade.
É hora de unirmos nossas mãos, corações e mentes. De buscar aliados, unir forças, rompendo correntes. Abandonando os saberes que nos tornam invisíveis.
Desafiando os padrões que nos silenciam, de formas indizíveis.
Ditames antigos, opressores e frios.
Silenciam a verdade, mas não nossos brios. Cada uma de nós, uma história a tecer.
Indizíveis formas de resiliência e amor.
Na dororidade, encontramos a força para vencer. É a união que fortalece, que nos faz transcender.
Romper as correntes da opressão, erguer-nos com ardor.
Construir um futuro onde cada voz tenha seu valor.
Respeitemos nossas diferenças, celebremos nossa diversidade.
Somente juntas, poderemos transformar o mundo. Quebrar as barreiras que nos mantêm no fundo.
Onde cada mulher seja valorizada, respeitada.
E a igualdade de gênero, finalmente vivenciada.
Na união de nossas essências, na força das diferenças.
Está a promessa de um amanhã sem resistências. Onde todas as vozes sejam ouvidas, de forma decisiva
Caminhamos juntas para um futuro que desejamos e, juntas, enfrentaremos afronte.

LEVANTO-ME

(Para Rupi Kaur)

Sobre o sacrifício erguido, ergo meu canto. Milhões de mulheres que vieram antes.
Penso na montanha, alta e constante.
E no legado que quero, dou-me o encanto.

Em pensamentos profundos, me questiono. O que faço para honrar seus instantes?
Que fazer para tornar a montanha alta?
Para que as que vêm após, possam vislumbrar.

Além das lutas, a esperança não lhes falte.
Um legado de força, onde o futuro revejo.
Para que além do presente, vislumbrem sonhos audazes.

A cada passo, a rocha se erguerá.
Com amor e coragem, forjando a trilha. Cada voz que ecoa, um pilar de luz.
Para que o futuro possa contemplar.

Mulheres, irmanadas em um só propósito. Avançando sempre, sem desanimar.
Deixando um legado de paz e jus.
No poema da vida, esta é minha prece!

CLAUDIA CHINI

Claudia Maria Gomes Chini [Marabá-PA]. É advogada popular, ativista sociocultural, membra da Comissão de Direitos Humanos, Comissão da Mulher e Advogada e Coordenadora Adjunta da Comissão de Defesa das Prerrogativas da Mulher Advogada da OAB SEÇÃO PARÁ, Presidenta e jurídico do Fórum Permanente de Mulheres de Marabá e Região Sul e Sudeste do Pará, membra fundadora e Presidenta da AESSP - Associação dos Escritores do Sul e Sudeste do Pará e da ALB - Academia de Letras do Brasil-Seccional Sul e Sudeste do Pará, Presidente do Conselho Municipal de Política Cultural de Marabá - CMPC, autora do livro Entreabrir-se...3ª edição do Projeto Tocaiunas, participou da II Antologia da AESSP e do VI e VIII Anuário da Poesia Paraense.

Por que já?

Quando nossas canoas retornam famintas
transformamos nossa fome em dança
quando as florestas gemem nuvens de pó
transformamos nossa asma em canto
para que quando cheguem usineiros da paz
para resetar e leiloar nossas bisnetas
asfixiadas no útero por seu vício ecocida
nossa Amazônia já estará se retomando

Porque na cura de toda cicatriz
aprendemos a arte de cuidar
no silêncio de todo agrado
aprendemos a coragem de ousar
e na pergunta de toda criança
nasce um pulso ancestral do bem viver

Cabelo Seco

todo sábado
vou para a casa dos rios
entro numa roda
escuto contos
brinco com cores
e sem chicote
canto dançando
me abrindo
com cuidado
para me ler
e reconhecer
minhas histórias
e ao pôr do sol
bem aí
pego um lápis
que não me julgue
nem me corte
ou derrube
minha calma
e invento
sem medo
o primeiro gibi
com folhas da vida
afro-amazônicas

Sâmila

Ando com minha bicicleta azul à Cabelo Seco
aliviado por estar em casa.
Dez horas na estrada corrompida
por vinte quilômetros de crateras enormes
na Transamazônica à Velha Marabá
me deixaram dolorido e exausto.
Mas que visita aos Kayapó inesperada!
Vivenciei Amazônia indígena
vulnerável, mas humanizadora, resiliente.
Ao desmontar na frente de nossa casinha
Sâmila sai da Casa dos Rios
para a rua estreita, baquetas na mão.
Uma multidão de adolescentes a segue
dança afroraiz ainda animando seus corpos.

"Qual povo indígena você encontrou, Dan?"
"O seu, Sâmila", sorrio. "Que dança da terra!
Sabe quantos anos aquele povo têm?"
Sâmila encolhe os ombros:
"sei que as mulheres só falam *Já*
a língua mais antiga na região."
De repente doze garotas tem me cercado
apontando às pinturas nos meus braços.
Intuíssem que entre meus cabelinhos loiros
tem pistas sobre uma pergunta
abafada pela batucada dos tambores africanos
que hoje reivindicam com tanto orgulho.

De tanta história inflamada
nunca chegaram tão próximas à um índio!

Pupilas pretas seguem ágeis dedos pensantes
decifrando os símbolos em minha pele celta.
"Um peixe correndo pela água", chuta Kaline.
"Ou uma raiz de mandioca", grita Bianca.
"Ou a rampa que desce para o rio", pisca Aline.
Elas brincam com os cabelinhos no meu braço.
"O Dan usa casaco nesse calor!", ri Raíssa.
Dispersam na rua, chorando de tanto rir.
Sâmila senta ao meu lado, matutando.
"Ouvi falar que minha mãe era menina Kayapó
seduzida por um brincalhão do quilombo ali
na Ilha de Tucunaré, num festival de mandioca."
Com apenas 15 anos, a liderança calma
da Sâmila vem abrindo o povo à se questionar.

Nos nós inclinamos sobre a barra enferrujada
olhando além do Rio Tocantins.
Gritos indistintos ecoam da Ilha de verão.
"O rio se lembra de tudo", Sâmila reflete
seu olhar fixado em seu centro fluindo.
Na boca da noite, o horizonte em chamas
contorna seus traços com pinceladas
de vermelhos e laranjas queimados.
Os ombros e quadris da Sâmila mostram
a força de seu pai cujos cachos de raiz
viram piada de algemas na sua própria boca.

Mas o cabelo liso da Sâmila lembra de sua mãe
e move um ritmo inquieto na barra de ferro.

"O rio caiu dez metros ontem", observa Sâmila
estudando a corrente na luz ciente.
"Como isso muda de seca para enchente
para seca em tão poucas horas?"
Folhas balançando cochicham
alertas da brava tempestade iminente.
De repente, somos dominados pelo fedor
de resíduos em decomposição
dos esgotos a céu aberto.
Sâmila entoa uma frase do poema
estendido na camiseta comunitária
em suas costas poderosas:
O custo tóxico
de dizer "sim", quando pensar "não".

Um chicote de luz rasga o céu crepuscular
e um trovão explode logo acima de nós.
Sâmila fareja o ar: "não vai chover, não."
Se vira para mim, com um olhar severo.
"Ninguém aqui vai protestar, na rua."
Um silêncio.
"Quando aprendemos português na escola
ninguém explicou de onde veio a língua
na nossa boca, ou que somos Amazônidas.
Hoje, acordamos nossas raízes afro.
Amanhã falamos nossa língua materna.

Mesmo nem concluímos o ensino basicão
sabemos ler o nosso rio
e que nosso tempo ancestral vai voltar."

DAN BARON

Dan Baron [Marabá-PA]. O Galês e hoje, marabaense, Dan Baron, é escritor e arte-educador desde 1977. Vive com comunidades em risco no Brasil desde fevereiro de 1998, convidado em 1999 ao criar o monumento coletivo 'As Castanheiras de Eldorado dos Carajás'. Se aliou com 'Vozes do Campo' na UFPA-Marabá entre 2004 e 2011, se enraizando na comunidade Cabelo Seco em 2008, na defesa de uma Amazônia Bem Viver.

LABIRINTO

Minha alma de mulher é cheia de bolsos
em cada bolso um sonho,
à luz do sol, nunca sonhado...

o olhar que não se viu
o sorriso que não se abriu
o abraço inacabado...

Paguei a conta da vida
mas os bolsos ainda estão cheios
de delírios não delirados...

NÃO

Ah, essa gente reta, que só tem certeza
que bota banca, que manda na mesa
Toda cheia do seu direito ao direito
que anda na linha, não tem defeito
quando fala só diz: eu, eu, eu, "
e pisa em "nós" se sentindo deus.
Essa gente altiva, dona da universal razão
anda com cetro de ouro em cada mão
a língua de seda, coração de aço
dita: faça o que mando, faça o que não faço
olho ávido, boca de fome, punho certeiro
à noite sonha com novo trono e mais dinheiro
A mim não compram, sou capitã do meu navio
para essa gente eu digo não, não, não: NÃO!
sou tijolo solto, ponte para o alto, onda em alto mar
estou em (des)construção.

EU ME RECUSO!

“Mas sou uma pessoa afável,
altamente confiável,
generosa e muito amável.”
Quem diria que tanta candura
se recusa à ditadura?
Minha vida é resistir ao mal e à dor
Dos que trazem flores na boca, mas no coração tem amargor
Dos que se dizem homens de bem, mas agem como feitor
Dos que rezam à luz do dia, mas à noite seu deus é o terror
Não
Eu não vou me adaptar ao mal e à opressão,
De homens que querem o mundo sob sua dominação
Contra esses, minha voz e o meu corpo gritam: NÃO, NÃO,
NÃO!!!

ANDANÇAS

Ser mulher é ser continente,
Nunca ser ilha,
cheio de caminhos, estradas
e trilhas

por isso meu verso é livre,
mestiço,
nem pobre nem rico
nem alegre nem triste
é só um verso
em riste
que não se entende pela palavra bendita,
pela rima, arranjada,
medida,
mas sim pelas sonâncias e dissonâncias
várias
das aliterações que vêm da vida.

A mim nada que eu não queira
nada que eu não ame
de coração
ser mulher não rima com imposição
nossa vida será sempre uma escolha
e a nossa liberdade sagrada
por definição

ALÉM DO BOJADOR

Eu ofereço água, mas eu sei
essa sede é toda minha
Eu ofereço água para matar a sede
De uma vida comezinha

Eu tapo os ouvidos para negar essa voz
Pois a mim não sacia essa prosa de amor
que ecoa os ecos da barbárie
dos tempos em que havia um rei e senhor

Desde então atravessei fronteiras e muros
vi mundos com uma outra utopia
Fiz dormir a serpente, acordei anjos
Acalentei Eva, que no meu colo dormia

Há tempos que grito, com a letra e a voz
Há tempos que faço da palavra, existência
Há tempos que rasgo o silêncio do vácuo
Há tempos que me faço veludo e resistência

ELIANE SOARES

Eliane Pereira Machado Soares [Marabá-PA]. é Professora de Linguística- Letras Português UFPA/UNIFESSPA. É ativista cultural, poeta e contadora de histórias. É Membra Perpétua da ALESSP (Academia de Letras do Sul e Sudeste Paraense) e da ALMA (Academia de Letras de Marabá). Autora de livros de poesia. Co-idealizadora, fundadora e participante de eventos e grupos culturais de Marabá, como a AESSP. Criadora do termo MARABELA, em um poema, que homenageia a cidade de Marabá (PA), que muito ama e da qual tem muito orgulho!

ÀS 6 DA MANHÃ ABRIRIA A PORTA.

Às 5 não.

Somente às 6.

E havia algo de poético naquela espera pelas 6 horas da manhã. Às 6 o mundo se abre para existir, ela pensava. É isso, apenas depois das 6 era permitido viver.

Faltavam 15 minutos para as 6, a claridade se fazia ver pelo vidro da janela da cozinha. Mas ainda não era 6. A porta deveria permanecer fechada. Era o ritual.

Ritual que se impora instintivamente. Antes das 6 havia os perigos do escuro, os objetos ocultos, os monstros alados das noites, os segredos que deveriam permanecer secretos.

Não se atreveria a importunar nenhum desses seres, existiam nas sombras, e lá deveriam permanecer.

Tinha café pronto, pão esquentado na sanduicheira elétrica, e aquela doce amarga sensação de estar viva. Grata pelo momento da plena consciência de existir. A vida, meus amigos, era de verdade apenas às 6 da manhã. Antes disso é sombra e orgia, depois disso é luz de olhos bem abertos, cercada de cuidados em disfarçar as dores e pesares acomodados nas penumbras do não dizível.

Eu posso encerrar bem aqui esse texto, ou discorrer sobre as cicatrizes do existir, ou, ideia que mais me agrada, permanecer historiando a vida da mulher das 6 horas da manhã.

O que essa mulher faria para merecer alguma atenção? Que tipo de vida possuiria capaz de prender o leitor em um texto de 300 páginas? Comum todos somos, de espírito ordinário e simplório, quem não é? Precisaria ser uma diva digna de saga titânica, ou uma

celeridade dessas instantâneas?

Não!

Ela apenas teria que acordar antes do raiar do sol e esperar para abrir a porta às 6 horas. O extraordinário aí já se fez!

Poderia escrever mais sobre nossa peculiar personagem? Sim, poderia!

Mas eu não consigo ir além desse ponto. Porque hoje ela é somente isso: uma mulher que abre a porta às 6 horas da manhã. Talvez amanhã ela seja outra, e tenha mais uma história estranha que mereça ser contada. Mas por hoje é só essa mulher…

I

Já não sofro tanto como antes...
Curioso!
Já não sofro.
Já não dói tanto como antes...
Curioso!
Já não dói.
Já não choro tanto como antes...
Curioso!
Já não choro!

E ainda estou viva!
Viva!
Logo eu que pensava que viver era essa coisa sofrida, doída e chorosa!
Já não morro mais tanto todo dia...
Curioso!
Estou tão viva!

II

Há imperfeições demais à mostra!
Por isso há tanta troça...
Esconde mais teus destemperos
Varre pra debaixo do tapete tua falta de zelo
Disfarça tua incapacidade de dar medo
Finge ser a santa do pau oco!
Escapa da chacina dos intelectuais pomposos
Vai ser uma máscara embatumada de ópio
Escapa!
Ser hipócrita
E sobrevive na santa inquisição da divina sociedade apodrecida e fedida!

III

Eu te esmagaria com as minhas unhas
Entranharia nas entranhas
Esmiuçaria teus miolos
Os comeria cozidos no azeite
Lamberia os dedos de prazer.

Eu colocaria pontos nas pontas dos teus dedos
Poria finais
Pontos finais nas pontas dos teus dedos.
Eu fixaria anzóis nos fios dos teus cabelos
Anzóis pontiagudos
Fios armados com anzóis pontiagudos
Eu deixaria finas fagulhas na carne dos teus lábios

Fagulhas flamejantes
Carne dos lábios queimados de fagulhas finas flamejantes
Te faria ser esdrúxulo
Cravado de guizos tilitantes
Esdrúxulo ser com guizos cravados tilitantes.
Feitura minha

IV

Eu tinha uma certa arrogância com a vida.
A olhava de soslaio como quem não quer ser contaminado por ela.
Passava por outras vidas com a mesma arrogância indisfarçável
Assombrava a morte com meu cobiçoso olhar melancólico.
Eu tinha nojo da vida tilintante!
Apalpava as feridas sangrentas provindas do combate diário da vida
E gritava com asco: Vida porcalhada, me deixa em paz!
Mas a vida permanecia inalterada, prosseguindo seu caminho de vida.
Certa manhã de bizarras certezas de morte, a vida me procurou.
Humilde...
Sincera...
E tão bela!
Contou-me coisas de mundos nunca antes imagináveis, fez cócegas nos meus pés, catou cravos do meu rosto, lavou meus cabelos com mãos tão suaves.
A vida me disse que a vida tinha dessas coisas... E não podia me falar mais nada, porque toda vida passa rápido demais e ela já tinha que correr atrás do tempo, que às vezes era amigo esclarece-

dor, às vezes era um feroz ditador.
Eu gostei da vida naquele dia!
Ela me chamou para ir com ela, precisava de companhia e tinha ido com a minha cara.
E foi assim que eu e a vida nos tornamos amigas.
Eu sempre com jeito de preguiça, ela sempre atleta, a me cutucar para acompanhá-la.
Ah, eu não sabia que a vida ensinava tanto!

V

"Com quantos quilos de medo se faz uma tradição?"
juntando dia a dia, pacientemente, cada grão

Sussurrando em cada ouvido um mesmo refrão:
"vejam aquela mulher, querendo ser confiante,
vejam aquele pobre, querendo ser dominante,
vejam aquele homem, querendo ser delicado
vejam aquele fiel, querendo um deus do seu lado
vejam aquele estrangeiro, querendo dar seu recado
vejam aquele índio, querendo ter seu pedaço"
Todo dia essas histórias contadas com indignação
plantando sempre um medo em cada coração
da criança ao homem velho, surge a assombração
e o medo do porvir empedernida a multidão
e o homem vira lobo do homem em nome da tradição.
(Eu e Evilangela Lima; Eu e Eliane Soares)

VI

E essa folha em branco, hein?
Ela me diz tudo e permanece em silêncio

Maravilhosa!
Repleta de dizeres a serem ditos
Amo-a!!!
Ouso tocá-la, meio que sutilmente, como quem não quer incomodar.
Depois me aventuro com mais pressa e preencho todos os espaços vazios
Ah! A plenitude!
Vazios cheios de mim,
revelando-me…
Tornando audível esse eu desregulado de sons.
A folha transforma-se em mim.
Que sagacidade!

EVILANGELA LIMA

Evilangela Lima [Marabá-PA]. Um dia os escavadores irão revirar meus restos mortais e descobrirão que minha carne, meus ossos, meu sangue metamorfosearam-se e transformaram-se em páginas de livros. Espero que cada página seja um poema, não escritos por mim, porque sou péssima poeteira, mas escrito pela vida que não levei, como uma antífona de desespero por não ter honrado a vida que deveria ter sido. E no prelúdio estará escrito assim: foi professora acima de tudo, daquelas que amava dar aulas alegres, barulhentas e mirabolantes. Também foi uma Mulher escrevente, e tinha enorme orgulho das palavras organizadas que brotavam da sua alma… E falar de cursos, universidades, status, fama, prêmios, lhe parecia algo tão feio e cansativo, que tinha preguiça de colecionar títulos. Então serei conhecida por meus poemas póstumos apenas, e acharão tão lindos, que dirão: Ela viveu muito afinal, e foi até feliz! E isso será tudo que importa falar sobre mim.

O SILÊNCIO NÃO NOS CABE MAIS

Deveríamos fazer um minuto de silêncio
para respirar e seguir
toda vez que um homem tenta nos calar!
Mas o silêncio não nos cabe mais!

Uma mulher se posiciona, vem as falácias
tentativas de nos desqualificar
- Feminista! Não gosta de homem!

É triste continuar a explicar
- Chamar de feminista não é ofensa, aprenda!
- E a aversão não é a homem, é a machista...
Fazer-nos repetir só pode ser chiste!

Reagimos contra
a objetificação de nossos corpos
a ideia de sermos cuidadoras de homens
submissas, propriedade, serviçais!

E ao invés da reflexão vem o ataque
[velha estratégia de silenciamento]
então continuemos
O silêncio não nos cabe mais!

É cômodo para homens
terem domésticas [não remuneradas]
não nos calemos! Deles são falsos os ais

sigamos sendo "as netas das bruxas
que não conseguiram queimar[4]" ...

O silêncio não nos cabe mais!

4 Sentença que tem origem nas manifestações do movimento NiUnaMenos na Argentina em que as mulheres diziam: "Somos las nietas de las brujas que no pudisteis quemar".

EXERCÍCIOS DE EMPODERAMENTO FEMININO - CONHECIMENTO

Aprenda.
Conhecimento é poder.

Esteja atenta! Bater, empurrar, beliscar,
puxar o cabelo é **abuso físico**.
Xingar, humilhar, desqualificar
é **abuso psicológico.**
Impedir de estudar, de trabalhar
é **abuso contra seus direitos individuais.**
Exigir administrar seu salário,
vender ou se apossar de seus bens materiais
é **abuso financeiro.**
Isso tudo é **violência**!
Não aceite e não perpetue
a ideia de que o homem tem poder sobre a mulher e tudo que é dela.
Aprenda a exercer os seus direitos.
Tenha poder sobre si mesma e sobre o que é seu!

Aprenda a se defender sozinha!
Não deixe que ninguém fale por você.
Aprenda a falar por si mesma!
Não perpetue a ideia de que mulher
precisa sempre de um homem
para lhe defender e orientar.

Crie sua filha para estudar,
ter uma profissão, ter o próprio salário
ter uma casa, um carro comprado
com seu próprio dinheiro...
Homem deve ser companheiro e não provedor!

Lembre-se
ser dependente é, muitas vezes,
ser abusada, violentada, sem poder fazer nada!

EXERCÍCIOS DE EMPODERAMENTO FEMININO – SORORIDADE

Não dispute.
Lembre-se que a rivalidade feminina
É uma construção patriarcal.
Cobre do seu parceiro ou parceira
a responsabilidade afetiva.

Não acredite que a roupa é culpada.
Isso só beneficia o estuprador.
Nos países em que as mulheres usam burca
o índice de estupro é alarmante!

Apoie outra mulher.
Culpar a roupa ou o comportamento
das mulheres pelo estupro tem um nome:
Cultura do estupro.

Aprenda e ensine
que tudo depois do Não é estupro.

FRAN CERQUEIRA

Francisca Maria Cerqueira da Silva [Marabá-PA]. É professora e poeta, docente da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-Unifesspa. É maranhense, mas marabaense, por adoção, há mais de 40 anos. Tem 05 (cinco) livros de poemas publicados e participação em diversas antologias.

MESMO QUE EU (ELA) QUISESSE...



Mesmo que eu quisesse
Nos dias áureos de inspiração
Ouusassetodasastécnicasdaarte

Não conseguiria
Nessa folha alva
como a neve do Polo Norte
Perfazer as nuances desse desenho ao lado

Na mesma cadência, lenta, calma, inspiradora, modular e tênue
Mesmo que eu quisesse...

Reproduzir esta linda imagem
Com a mesma engrenagem
Não conseguiria lograr

Céus e terra passarão
E, mesmo que quisesse,
Nunca e nunca mais serei capaz
de tamanha aptidão

Não é mais a primeira que fica, a tal impressão
Isso ficou na caverna de Platão
Mesmo que quisesse
Revelar essa dama
Que um dia fora
Alegre e sonhadora

Mesmo que eu quisesse
Essa imagem
Nunca mais seria retratada
Em sua essência

Desde sua pueril
adolescência.

Ora, pois,
Insolúveis marcas ficaram talhadas
Então,
Mesmo que eu quisesse esculpir
Aquele semblante feliz
Não poderia
Trazê-la ao que d'antes era

Mesmo que se ela também assim o quisesse...

FRANCISCO LIBERATO

Francisco de Assis dos Santos Liberato [Marabá-PA]. Professor Pedagogo da Educação Básica da Prefeitura Municipal de Marabá-Pará, Licenciado em Pedagogia (Uninter), Matemática (UFPA e Letras (Uninter), pós-graduado em Gestão Escolar e Docência do Ensino Superior. Autor dos livros: "Como fazer um TCC Excelente: Da escolha do tema à defesa" e "110 anos de Marabá: uma experiência pedagógica na EMEF Rayara Carvalho Costa".

LIBERTAÇÃO

toda vez que ele bebia
era assim
a agredia
verbal e fisicamente
e a expulsava de casa

mas no outro dia
ela sempre voltava
"ele vai mudar"
acreditava

e eles eram felizes
viviam um "mar de rosas"
até ele beber de novo
e tudo se repetir

as amigas avisavam
as irmãs aconselhavam
a mãe,
aos prantos,
clamava
"minha filha, larga esse homem!"

até que um dia
ela ouviu
e pra ele não voltou

hoje vive feliz
voltou a sair
voltou a sorrir
e sempre agradece
aquelas que a salvaram
que a devolveram à vida.

ELA CONHECEU O AMOR

ela sempre amou de mais
aqueles com quem
se relacionou

porém amor de menos recebia
e o conto de fadas
no qual foi levada
desde a infância
a acreditar
nunca tinha final feliz

fora enganada
desrespeitada
traída
e até agredida

mas um dia
finalmente se cansou
e não mais quis fazer
do amor aos outros
o cerne de sua vida

passou a se escolher
passou a se cuidar
descobriu que deve
se amar sempre
e em primeiro lugar.

UNIÃO CONTRA O FEMINICÍDIO

todos os dias
os mais diversos jornais
noticiam a morte
de mais uma mulher

que era mãe
que era filha
que era irmã
que era amiga
que era amada
[exceto pelo feminicida!]

mulheres que podiam
estar vivendo suas vidas
conquistando seus sonhos
e não sendo enterradas!

isso precisa mudar
isso tem que mudar!

por isso a união
se faz importante
por isso a luta
tem de ser constante
e todos precisam dizer
em alto e bom som:
as deixem viver!

FRANKLIN HIPOLITO

Franklin Yago de Souza Hipolito [Marabá-PA]. Nasceu em Marabá-PA, formou-se em Letras Português pela UNIFESSPA, e é amante dos livros e das Literaturas desde a mais tenra idade. Participou das antologias Poesia Brasileira (2022) e IX Anuário da Poesia Paraense (2023).

DEFINIÇÕES ALHEIAS

Será mesmo que posso ser e fazer tudo o que eu quiser?
Qual lugar que me cabe no mundo nesse corpo que existo mulher?
Já ouvi pra tomar mais cuidado, deixar algo inquieto, calado.
Já refiz uma fala direta pra ser mais discreta, por medo velado.

Já fui presa por uma emoção, por querer com razão exercer meu direito.
E também preferi me esconder quando eu quis responder de outro jeito.
Minha voz, minha crença e até a minha presença já foi cerceada.
Os juízes estavam apostos na frente do palco pra julgar a palavra rimada.

Um senhor escritor decidiu que a minha poesia precisava mudar.
Disse que não cabia meu verso em sua revista, por isso não ia publicar.
___não escreva poema rimado, rima pobre não cabe hoje em dia
Veja só o algoz atrevimento, a alheia vontade querer definir minha poesia!

Será mesmo que eu posso ser e fazer tudo o que eu quiser?
Qual lugar que me cabe no mundo nesse corpo que existo mulher?
Em que língua vou (vão) me traduzir? Em qual voz eu vou me contemplar?
Será que a pobreza da rima por si só vai falar?

Será mesmo que eu posso ser e fazer tudo o que eu quiser?
Qual lugar que me cabe no mundo nesse corpo que existo mulher?
Deixo as linhas em branco ou posso escrever minhas rimas taxadas de pobres e feias?
Me liberto de vez ou me deixo calar pelas definições alheias?

Será mesmo que eu posso ser e fazer tudo o que eu quiser?
Qual lugar que me cabe no mundo nesse corpo que existo mulher?

MIRE A LEVEZA DO BEIJA-FLOR

Não deixe distante o poder de fazer outro Eu
Olhe em frente, abra porta e janela e perceba quem foi que perdeu

Busque a paz pela voz que irradia o poder do amor
Siga em frente mirando a leveza que transmite o beija-flor

Figurando o teatro dos belos vestidos em nome da arte
Costurando sem linha o retalho da vida servida à la carte

NOVOS CICLOS

Os ciclos biológicos de nossos corpos
Expressados nos olhos do espelho
Em dores ou deslumbramentos
Desalinhadas do universo inteiro
Mulheres urgem novo mundo
Com respiros e respeitos atrasados
Um rumo próprio, autoral
Divorciadas do mal
Indefinidas em seu próprio voo

RE-EXISTÊNCIA

Seu corpo em chamas reexistiu
dilacerando pelas entranhas
o ódio vil
do ato covarde do algoz que lhe feriu

Talvez seu corpo em desespero nem escutou a voz que pedia calma
E o grito abrupto queria saber como sarar a ferida aberta em nossa alma

Quem tem remédio para a cicatriz além da pele?
Quem faz a justiça para que tanto mal não impere?

Entre a notícia bruta, tento uma oração oculta
Ó Céus! Se Deus é por nós, porque será que o homem é contra nós?

RE-EXISTIR é sua **RE-VOLTA**.
Viver de novo é intrepidez perante a vida
Salvai-nos todas, em nome da tia Cida
Misericórdia, ó Senhor!
Livrai do mal toda aquela que padece
Afastai de nós esse **CALE-SE**
Ecoe ao mundo toda essa dor como uma prece

Que para todas, a vida sempre prevaleça
e que um dia, todo o mal contra a mulher, pereça!

(Poema em repúdio a violência contra a mulher- escrito quando minha tia foi queimada viva por seu ex-marido, em 04-08-2020. Ela sobreviveu ao ataque.)

HUNDRIANA RIBEIRO

Hundriana de Jesus Ribeiro Monteiro [Marabá-PA]. Sou professora da Educação Básica de Marabá. Pedagoga e artesã de fios e palavras. Nascida e criada na comunidade Ajará-Panema, na região ribeirinha de Cametá-Pará. Casada e mãe de um menino e uma menina por quem ouso manter viva a esperança em dias melhores. Especialista em Educação Infantil e Educação Especial Inclusiva, integrante do LEIAA - Grupo de estudos e pesquisas sobre leitura, escrita e alfabetização na Amazônia. Poeta, cordelista. Escritora de tudo que me atravessa como ser humano neste corpo que existo mulher.

SER MULHER

Nascer mulher
Não é somente ser,
É lutar diariamente contra tudo,
Contra todos os parâmetros sociais

Dentro de uma sociedade vil
Que destroem mulheres
Com seus tabus regados de preconceitos
Predefinidos e arcaicos

Solteira,
Casada,
Menina,
Mulher, são atacadas
Com olhares, indiretas,
Diretamente,
Devoram-te
Controlam-te.

Pelo WhatsApp, Facebook,
Instagram, Twiter,
Mensagens de assédio
Bombardeiam-te.

Ser mulher não é fácil
Ainda mais quando se é solteira,
Seja negra, parda, branca, quilombola,

Ser mulher já basta.

Sobre coquetéis
Ela é a puta
Sem direito a escolhas
Sempre má vista pela "dignified Society".

Ser mulher
Não é sinônimo de delicadeza,
Ser mulher
É resistência!

A POESIA SALVA

Quando fores violada
Desabafa
Escreva um poema
Declama teu lema.

A poesia salva
Resgata do fundo do poço a alma
Liberta o grito oprimido da mulher calada
E floresce a rosa ceifada.

Diga não à violência contra o feminino
Teu corpo não é objeto masculino
Tua voz não é cantiga de ninar
Teus desejos não precisam ser escondidos
Isso não te torna vulgar.

A poesia salva
Seja menina, mulher,
Seja de nascimento ou opção
Respeite o feminino
Meu ser não é competição.

NÃO É NÃO

Caricias forçadas
Você diz não
Ele diz vem
Ela diz: não estou bem
Ele diz já vai passar
Deixa-me te tocar
E assim vai,
E assim rola,
E assim ele te viola.

Não é não
Sussurros no ouvido não é abrigo
Se sente dor
Não é amor
Dizer não
É o suficiente.
Se ele insiste, sufoca, destrói.
Quebra seus direitos
Rompe seus valores.

Não a toque
Não atice
Não diga eu quero
Você é minha
Não somos obrigadas

A satisfazer
Quando não nos satisfaz
Entenda, não é não,
Chega de violação.

GLECIA SOUSA

Glecia da Silva Sousa [Marabá-PA]. Tem 5 obras publicadas, é membro fundadora da AESSP, e engajada nos movimentos literários. Atualmente coordena o Projeto Arte com Poesia da Biblioteca Comunitária km 16que funciona em sua casa, voltada para as crianças, adolescentes, jovens e mulheres da comunidade onde mora. Projeto esse, premiado duas vezes com em editais da Fundação Cultural do Pará, voltado para o incentivo à leitura. Seu último livro publicado foi premiado no edital da Lei Aldir Blanc.

EU SOU DONA DE MIM

Eu não tenho medo
Medo do futuro
Vivo o presente
Quem luta sempre vence

Tenho sentimento
Vivo meu momento
Quero aprender

Sorri pra não chorar
Pensei e não falei
Não quero ser lembrada
Eu quero ser amada

Tenho sentimento
Vivo meu momento
Quero aprender

Quero te falar
De toda minha força
De todo meu poder
De seguir em frente
Quero te mostrar
Toda minha força
Todo meu poder
De seguir em frente
Eu sou dona de mim

GRITOS DO SILÊNCIO

A minha voz, a minha voz,
se calou por um momento
A minha voz, a minha voz,
é um grito do silêncio
A minha voz, tá ouvindo a minha voz!

Medo e desespero,
sozinha aqui estou,
a minha família, com medo se calou

Medo e desespero,
sozinha aqui estou
a sociedade também já se calou!

Preciso de ajuda
Não fui eu quem escolhi
Não à violência!
O mundo inteiro vai ouvir!

SOMOS TODOS MARIA DA PENHA

Posso te contar a minha história
Eu sobrevivi, eu sobrevivi

Meu nome é Maria
Eu me fortaleci, eu me fortaleci!

Não se cale
É lutar e acreditar
Não silenciar, não Silenciar
Não silenciar!

Somos todos Maria, Maria
Somos todas Maria
Maria da Penha

RAÍZES DE MARABÁ: MULHERES DO CABELO SECO

Mulheres do cabelo seco
Mulheres de Marabá
Raízes do cabelo seco
Raízes de Marabá

Mulheres lavadeiras, amazônidas, indígenas
Negra raiz do meu pontal, resistente ancestral

Mulheres do cabelo seco
Mulheres de Marabá
Raízes do cabelo seco
Raízes de Marabá

Marabá e sua história, narrada por mulheres
Mulher forte maravilha, o quilombo sua família

Mulheres do cabelo seco
Mulheres de Marabá
Raízes do cabelo seco
Raízes de Marabá

JEANIA SOBRAL

Jeania dos Santos Sobral [Marabá-PA]. Mãe de 3 filhos, aos 14 anos já lecionava. Formou-se no magistério em 1995, e concluiu Pedagogia em 2005 na UNAMA - Universidade da Amazônia. Compositora há mais de 20 anos, dentre suas composições mais conhecidas estão *Grito do Silêncio, Somos todos Maria da Penha, Mulheres Notáveis, Eu sou Dona de mim, O por do sol com elas, Mulher Brasileira, Canto Soberano, Eu quero Paz.* Referenda e vivencia através das canções a luta pelo fim da violência, o empoderamento feminino e o despertar de outras mulheres! Assim, os textos aqui apresentados são todos composições musicadas.

DE COMO CERZIU-SE A VIDA

Marabá - 08/05/2022

Foi tecida de duras costuras a vida. Eu sei de quase tudo. Sei de dez partos, muitos dos quais sozinha em casa. Sei que a vida te entregou quase órfã ao mundo. Eu vi desde pequeno a poesia dos teus bordados, a dura dor dos fiados no mercado. Também assisti os coloridos das colchas saindo dos retalhos. Lembro do pedalar das tardes ao som da velha *Crox Lux* costurando o tempo, as tardes. As irmãs faziam roupas de bonecas dos retalhos que floriam o chão pobre da varanda. A tesoura ia certeira cortando tecido para vestir o pão do almoço. Enquanto o pai sonhava com muito gado pelo mundo. Eu sei que só você sabia que grandes fazendeiros, patrões e doutores sempre eram amigos e corteses demais, mas por simpatia da usura. Eu sei como te angustiava a despensa vazia de sustento, de arroz, de feijão. O pai sonhava grande, sonhava terras e muito gado. Ele calejava a mão de silêncio e paciência, fazia o que podia, mas a vida agiotava seu suor. Eram tempos em que juros acorrentavam qualquer sonho. E ela sabia da terra. Sabia que das sementes, de deus, das chuvas, teríamos dias melhores. Ela sempre desconfiou dos donos de muitas terras, de muitos votos, de muitos bois. E a fome rondavam sempre o fogão da cozinha. Fome não... ela não admitia que este nome fosse pronunciado. É verdade, não passamos fome, há muitas fomes no mundo. Em graus de fome, a nossa era no máximo muitas vontades de comer. E tinha a terra lá, pronta, prestes a engravidar, você sabia das sementes. E um dia de tarde quente juntou a filharada, até os de colo. Fizemos aceiro. Botamos fogo. Plantamos feijão. Me lembro da carroça voltando cheia. Do terreiro posto às vagens estourando ao sol. E da festa da palha repleta de cambalhotas infantis. Lembro dos túneis entre as palhas onde nos escondíamos. E da palha iluminando a noite de faíscas e mistérios de criança vendo o fogo. Naquele ano tivemos o paiol cheio. E depois fincamos arroz nos brejos. O pai convocou mutirões. O milho, feijão, arroz se multiplicaram entre capinas, cachaça de colheita com galo e macarrão. O pai fez um tempo feliz de mutirões de sementes, flores, cachos, grãos, espigas. E você bordou esperanças porque a vida renascia farta de colheitas. A vida nos foi dando vida, morte, renascenças no grande tecido do tempo. Acho que esta coisa de sempre carregar comigo costuras, linhas, remendos, retalhos, estampas, tentar vestir o mundo mais de cores, vem dela. Eu queria não terminar este texto. Mas como na costura, tudo tem um ponto, um arremate, termino aqui, Mãe.

MÃE DE ALGODÃO

Marabá – julho/agosto de 2023

Hoje a professora leu a história de uma menina chamada Malala, eu ouvi um pouco, não tudo, até onde Malala foi baleada na cabeça por defender que meninas pudessem estudar no Paquistão. Tinha quinze anos, minha idade. Fiquei escutando a professora, mas minha cabeça voava para outra história daqui da minha rua, ontem. O Cleison foi morto ali na beirinha do barranco do rio. Ninguém sabe quem matou nem porque. De tarde a rua ainda comenta do Cleison e dos polícias que pegaram o Roni e o Tziu. Dizem que apanharam muito e engoliram maconha. Já é tarde e saio de casa para esperar minha mãe na parada. Pus os três pequenos para dormir. Como mais velho, cuido deles quando ela sai para a praça vender. Que sono, que merda de ônibus que não vem. Agora sim, lá o busão. Quem tem que descer desceu, ela não. Espero mais quarenta minutos. Outro busão. Dessa vez ela desce em desequilíbrio, a vara de algodão doce quase vazia. __Vem mãe. Segura aqui. Pego o algodão doce, foi uma noite ruim de venda. Olho a rua de piçarra e luz embaçada, caminhamos. Encostada no ombro, ela pesa. Em casa me beija o rosto e diz palavras bêbadas de carinho. Diz que não preciso de pai. Concordo. Pai é coisa de novela que acontece nas outras famílias, fala. Fica muito amorosa, quando assim. Olho para ela, penso na Malala, evito pensar no Cleison, e nesta coisa desconhecida de pai. Busco a foto da Clarissa no celular. Minha mãe vendeu pouco algodão doce. No sofá mesmo ela se joga e dorme. Fixo o sono que não vem. Ensaio um beijo no espelho porque o que eu mais quero agora é beijar a Clarissa na boca, como nos filmes. A rua está quase muda. O que restou do algodão doce parece murcho e sem doce.

Nem tudo é doce, nem tudo é feito algodão, nem tudo é leve, só mesmo o riso de Clarissa. Durmo. Talvez sonhe com a mãe linda e preta voando leve numa nuvem branca de algodão doce. Minha mãe de algodão.

ZÉ E ROSÁRIO

Marabá - 1997

Miséria cheirando sombra e mofo desce úmida nos merejos das beiradas. Desce pelas palhas e cai com o barro mau batido da parede. A chuva pende de tudo. Em tudo penetra. O arroz incha. Já brota entulhado no quarto junto de Niquinha nos espasmos de malária que sobe dos igarapés e entra por quase todos os casebres da Vila. Rosário faz arroz. Fogo de carvão que nem engasgo atiça, farinha e uma banda de tatu que Velho Mauro caçou. Zé dá vontade de beber, o fiado tá demais. Tem vontade, puxa rosário. "Inda não zé". Puxa com força: "*Ô desassossego*", ela pensa. Ele baixa o zíper no desafogo pensando: "Diabo de mulher mais larga e seca". Saia levantada, dói um pouco. Rosário vira o rosto, ele quase grita: "Se tu num ajuda, acabo nunca". Rosário avexada na obrigação, só mesmo prá não dar motivo dele procurar quengas pelo "Bola Sete". Miséria e chuva caem num nadafazer no depois. Tudo vai brejando numa resignação líquida. Zé levanta. Diz que vai de turma numa remessa de mais quarenta cabra prum serviço nas banda do Iriri, já combinou com o "gato" Juvenço: "É dinheiro bom, o caminhão vem logo que o tempo enxugar, pegar os cativo". Rosário se abana, amarra o lenço, olha Niquinha na rede, passa pano molhado na testa do filho. Zé vira-se no comprido suspiro dela. "Vai onde Zé, neste tempo?". "Tomar uma acolá no "Boa Sorte". "A febre deste menino nunca cede", ela fala desacorçoada. "Pois é", responde Zé, saindo.

BIOGRAFIA

Marabá - 1995

"Nasci em treze, no mês de São Miguel, setembro né? Se fosse homem meu nome era Miguel, mas ficou Arcanja". Me convida para sentar. Seu conto doméstico, longo de vida. Sem se deter na pergunta, casos acasos rolam: história-caso que flutua e tem mais pressa que o rio. Mudanças, trapos em carroças do Maranhão. Poeira, lama, Marabá pioneira. Beira de rio: roupas e roupas, olho de rebojo nas bolhas de sabão.

Criou muito filho alheio além dos seus. Filhos casaram. Festas de batizados. Despedidas. Cacos de castanhas. Morte de cansaço e distância sem sepulcro. Tanta Veredas e saudades. A morte de tocaia sempre atrás de homens seus. Outro marido e desventuras garimpeiras. A terra tecida de mortalhas. Almoço de velório. Viuvez outra vez. Definitiva.

Solidão. Sala. Dois dentes sobrados de mastigar a vida cumprida. Crespor branco dos cabelos feito asas trançadas sobre a cabeça. "Eu já tô aqui mesmo só esperando prá morrer". Dona Arcanja, a última anja, vende carvão e mora só numa casa pobre da "Folha Vinte e Oito".

PELE MULHER

Marabá – maio de 2023

Na pele de ser mulher
Há de luzir
Grávidos sonhos
E lutas de outros futuros
Mesmo em lutos e muros

Na pele do ser mulher
Há rosas nas cores
Para florir o novo
Mas também hematomas
Nos dias do corpo interdito

Na pele mulher
Há beijos
E desejos
Mas também
Amarras
Garras patriarcais
E arcaicas.

Na pele do mundo mulher
Há sementes de paz
Para amamentar o amor
E dar mais luz aos tempos
Que pelo homem e pela mulher
Hoje não seja um dia qualquer
Seja de lembrar
Que todo dia
Deve ser dia da mulher...

JORGE LUIS RIBEIRO

Jorge Luis Ribeiro [Marabá-PA]. Nasceu em Minas, mas é marabaense desde 1993 por escolha e destino. É filho de Eva e Ni Ramiro. Ama Katia, é pai de Jamile, outro amor de sua vida e vai ser avô de Mariana, haja amor... Ah sim, está feliz deste jeito...

UMA MARIA QUARQUÉ

Eu sô uma Maria quarqué
Uma dessas muié, qui vivi na roça
qui viaja di carroça, di cavalo ou a pé.

Eu sô uma maria quarqué
Dessas que acorda cedin, faz o bolo i o café
cuida da casa du quintá, dus bichin dos animá
qui sustenta o brasí di pé.

Eu sô uma maria quarqué
qui tira o leite da vaquinha, cuida das prantas i das galinhas
sô maria muié de fé
Sô maria forte, sô du su ou sô do norti
num importa o lugar
in quarqué parti du praneta ixisti uma Maria cuma eu
qui luta_cum fé i coragi na lida qui Deus lhe deu.

Eu sô uma Maria quarqué
Num sei falar ingrêz, num intendo di moda
uso xita i xadrez
Sô diferente di ocês, mas isso num mi incomoda.

Eu sô uma Maria quarqué
di vêz inguanto vô na cidade, inté cumpriendo seu valô
mais é aqui no mato qui tenho felicidade
sô bonita do meu jeito também tenho vaidade.

Eu sô uma Maria quarqué
Sô da roça sim sinhô, sô caipira cum orguio
mas trabaio cum amor.

Eu sõ uma Maria quarqué
qui só usei esse papé
pra chamar sua atenção
pra fazer ocê oiá, cum o zói du coração
pras tantas Marias quarqué
que vivem de realidade
que retratam o amor à vida e a fé
que só desejam ser respeitadas ao longo dessa jornada
no seu ranchinho de sapé.

BELA, RECATADA E DO LAR?

Eu luto todos os dias e vivo sempre a ralar
Não perco a alegria nas voltas que a vida dar
Sou mulher, sou Maria, sou bela
Mas bela, recatada e do lar?
Maria da Penha, Maria Quitéria
Chiquinha Gonzaga, Celina Guimarães
Tarsila, Margarida Dandara e Lilia Diniz
Não se casaram por dinheiro, nem temeram enfrentar
Cada uma de um jeito tem história para contar
São guerreiras brasileiras!
Não belas recatadas e do lar!
Posso até nem ser santa, gosto de erotizar
Safadeza a gente faz, para a tristeza espantar
Mas isso é na intimidade
Só a sociedade
me quer bela, recatada e do lar!

RENASCER

No interior escuro deste corpo/caos habita comigo dois eus individuais. Me toco, me sinto, me desespero pela fome infinita de palavras e atitudes.... É estranha a insatisfação do verbo inconcebível, no redemoinho das frases engolidas. E estamos sós, eu comigo mesma, transitando as paralelas deste sonho, gozando o orgasmo místico do futuro inacessível, buscando o estranho gozo de ser! Não nasci só, estou só nas escolhas inconscientes que fiz. A certeza da solidão é a combustão que necessito para explodir a casca, adentrar na escuridão das terras estercadas e finalmente renascer cacto em flor ou jardim completo se assim eu intensamente quiser...

KENNYA SILVA

Gracivan da Silva Santos Pereira [Xinguara-PA]. 48 anos de idade, conhecida pelo pseudônimo de Kennya Silva, (apelido de família que recebeu na infância por uma tia). É trabalhadora rural, dona de casa e poetisa. Graduada em Letras-Português, licenciada em Pedagogia e Filosofia, pós-graduada em Gestão Escolar, Psicopedagogia, e Língua Portuguesa e Literatura. Premiada pela iniciativa da Secretaria Especial de Agricultura Familiar-SEAD

Brasil, REAF do Mercosul, ONU, FAO, UCAR, e do Ministério da Agroindústria da Argentina no âmbito da 2ª edição da campanha Mulheres Rurais, Mulheres com Direitos. O poema "Uma Maria Quarqué" conquistou o primeiro lugar do concurso "Vozes, Imagens, Histórias e Experiências das Mulheres Rurais", realizado em 2017.

HOJE EU NÃO IREI MORRER...

Hoje não morri
Não chorei
Mas fui violentada várias vezes...
Meus olhos estão cheios de mágoas...
Me sinto seca, sem vida...
Uma poeira ao vento perdida na escuridão dos meus dias cinzentos...
Minha mente está confusa, sem rumo...
Sinto um frio na espinha, náuseas e formigamento....
Meu peito dilacera de dor que me leva ao desespero...
Solto um grito silenciado que me deixa muda...paralisada...
Não me reconheço!
Já nem sei quem sou…
Sou uma mulher gritando para não morrer hoje.

O PESO DO SILÊNCIO

Ouvi no noticiário da Tv que mais uma mulher morreu de
feminicídio ...
Ontem a vizinha gritava
Gritava por socorro
Ele gritava socorro, socorro, socorro
Ninguém foi ...
De repente um silêncio assustador.
Hoje a vizinha vai ser notícia na TV, mas um caso de feminicídio.

CICATRIZES DA VIOLÊNCIA

Trago no meu corpo todas as cicatrizes da Violência
No meu corpo de Mulher.
Por ser Mulher fui violentada na rua, no beco, na praça em todos
os lugares
Violentada por ser Mulher!
Tratada com um objeto descartável.
Fui chamada de puta,
Na esquina do matagal fui encontrada,
Morta e violentada.
Desumanamente violentada e jogada numa vala do matagal da
esquina.

CÁRCERE

Ela só queria ser feliz,
Amar e ser amada.
E quando encontrou o homem da sua vida, encontrou o seu assassino.
Ela achava que era amor e cuidado.
Mas aos poucos foi se tornando sufocante e doentio.
Ele que era amoroso, agora era bruto, e violento.
Apanhava todos os dias, por qualquer coisa que o desagradasse,
Ela não sai de casa, pois estava em Cárcere privado.
Não tem voz.
Não tem direito de reclamar.
Só obrigação.
Fazer sexo várias vezes por dia,
Submetida as suas vontades.
Ele louco e insano, queimava com isqueiro o pico dos seios, cortava o rosto e os lábios da mulher que o escolheu como marido.
Noites de completa escuridão, sem família, sem amigos ....
Solidão, dor e desespero
Todos os dias trancada em casa à sete chaves, janelas vedadas...
Seus elogios são doidos, perturbada, tudo que possa ferir sua autoestima.
Hoje ela sonha em ser livre.

POR TODAS NÓS.

Hoje minha voz ecoa
Porque não estou só
Minha Vó
Minha Mãe
Minha Filha
Todas nós em uma única voz.
Por todas as outras antes de nós
Que viviam em silêncio
Que foram queimadas
Que foram chamadas de bruxas
Que foram chamadas imundas
Hoje estamos em fileiras,
Lutando por igualdade e direitos a nós, MULHERES
Por todas VCS, antes de nós, que foram desbravadoras, visionárias em tempos difíceis ...
Hoje Somos Todas.

LARA BORGES

Osana Lopes dos Santos Borges [Marabá-PA]. É poeta, artista visual, circense, atriz, contadora de Histórias, ativista social e Cultural, produtora Cultura, empreendedora, Arte Educadora,tem três livros publicados através do projeto Tocaiunas e participação em várias antologias. Membra da AESSP, Associação dos Escritores do Sul e Suldeste do Pará, Membra da Academia de Letras do Brasil, Seccional Sul e Sudeste do Pará, Presidente do Instituto Cultural Hozana Lopes de Abreu, Servidora da FASEPA.

Ousadia

Sou mulher e posso ser
Mulher macho, sim senhor!
Sou valente, sou guerreira
Se sou brisa, sou calor
Sou a Maria e Lampião
Mas no peito um coração,
Que transborda só de amor!

Eu sou as letras de um poema,
Eu sou as rimas de um cordel!
Sou a música e a melodia
De um cantador menestrel!
Dos tambores sou a toada,
E quando faço a zoada.
Estremece a terra e o céu!

Em minhas metamorfoses,
Sou peixe só pra nadar!
Quando ando, quero ir além
Sou pássaro e sei voar!
Sou vento sem tempestade
Sou pouco, sou só metade,
Mas quando sou amor, sei amar!

Às vezes eu fico atoa,
Lanço os olhos na janela,
Paro só para ver lua

E dormir pertinho dela
Até o sol despertar!
Sem tempo nem pra lembrar,
Do meu sonho de aquarela!

Desculpe-me essa ousadia,
Mas qualquer um pode ser
Na vida o que bem quiser!
Só depende do querer,
Do querer ser só do bem!
Seguir sem ferir ninguém,
Reinventando esse viver!

Quem eu seria

Gosto de ser quem eu sou,
Mas gostaria de ser
Como foi Creusa Salame,
Pra ser artista e viver!
Meio que, atabalhoada,
Com pássaros na fachada
E retalhos pra coser.

Ser uma Fran Cerqueira
Forte assim como um leão!
Na luta pelos direitos
Um feminismo em ação.
Ser firme de ponta a ponta!
E sem ter medo de afronta,
Encara a situação.

Ser poeta e professora,
Digo que também seria:
Marabela de Eliane!
Ah! Meu Deus, como eu queria!
Fazer algo assim tão belo,
Encantador e singelo,
Todo cheio de harmonia.

E se fosse uma advogada.
Claudia Chini eu seria,
Só que um pouco mais calma!

Com toda sabedoria,
Para falar e cantar,
Ser bem forte pra brigar
Declamando poesia.

Da Evilangela eu queria
Ser ela em simplicidade.
Com aquela paciência,
Viver uma eternidade.
E teria com certeza,
Na vida maior leveza,
Carisma e dignidade.

Da musa Nilva Burjack
Eu seria o dom da canção,
A doçura de sua voz
Seu toque de violão
Cantando o hino do águia
Assim tão bela e fidalga
Que causava admiração.

Mas juntas somos todas,
Somos muitas, somos mais
Aldemira e Lara Borges
Com a Aurideia Morais,
A Ieda na Galeria.
Somos música e poesia,
E fortes até demais.

LUSA SILVA

Lusinete Bezerra da Silva [Marabá-PA]. É natural de Cacimba de Areia, Paraíba. É poeta cordelista e professora pós-graduada em Teoria da Língua Portuguesa e Tutoria em EAD. Trabalha na Escola Paulo Freire em Marabá-PA onde desenvolve projetos de leitura escrita em parceria com os professores e nestas parcerias os alunos já publicaram oito antologias e duas revistas. Tem dez livros publicados e participação em várias antologias. É associada da AESSP, e acadêmica efetiva da ALB - Academia de Letras do Brasil - Seccional Sul e Sudeste do Pará e da APLC - Academia Paraense de Literatura de Cordel. Veja Os Cordéis de Lusinete em: http://lusinetebsilva.blogspot.com.br



QUERO SER

CORRENTE DO BEM

Encontro

afeto

escuta

Algumas palavras

LUGAR DE

IDEIAS

CAMINHO

HISTÓRIAS EM MOVIMENTO

ARTE





LUCIANA MELO

Luciana Barbosa de Melo [Marabá-PA]. Mulher militante, mãe da Catarina, filha, neta, irmã, educadora e artista popular, componente da Coletiva de Teatro Madalenas Tuíra e do Coletivo Banzeiros, que encontrou na arte a possibilidade de aprender e ensinar. – "Minha escrita é em retalhos, faço uso do recorte e colagem para compor"

FORÇA DA NOITE

Se buscarem a minha essência
ela é límpida e perfumada com flores do bosque azul.
Trago a fortaleza dos ventos da noite em mim.
Quebro os laços dos dias negros
sou negra, cortante andante.

SENHORA DO SOL

Sou a mãe Maria
Maria das multidões
Maria que habita e colhe o perdão
O mundo se ilumina inclina, com sol da manhã
Mulher da criação.

CHÃO DA CANÇÃO

Quem vai calar nossa voz?
Quem vai lavar esse chão
Somos filhos da luz
Pés descalço da cruz
Somos viúvas sem pão
Planto a terra molhada
Esse é meu chão da canção
Ando sozinha na mata rainha
Corto o silêncio do meu coração
Chuva fina leve
Molha teu povo em prece, Maria
Esperança triste é ver a vingança e a devastação
Traz a semente do amor e perdão.

NILVA BURJACK

Maria Nilva Burjack Barcelos [Marabá-PA]. É cantora, professora pedagoga e compositora da música popular brasileira, nasceu na cidade de marabá, no Pará, já venceu diversos festivais da música popular paraense e é considerada como "a Diva do Pará", dona de coleção de vinte e cinco troféus de premiações da música popular paraense. A cantora é escritora com sua primeira publicação de contos infanto-juvenis, com o livro Contos da vovó.

EMPATIA

Quando os corpos forem julgados
Não nos calaremos
Temos irmãs ao nosso lado
Se a solidão perturbar
Nossa garra vibrará
Somos o grito que ecoa
Pés no chão
Caminhamos e desconstruímos
Os tabus se descortinarão
Nossa história não será apagada
Temos punho
E há sangue nela estancada
Não somos frágeis não!
Se a sociedade nos enquadra, nos enjaula
Quebraremos as correntes
Argumentaremos sua fala
Não nascemos para servir ninguém
Estereótipos não me convém.

DECRETEI

Meu corpo, um templo
Guardado a sete chaves
Mil peças de roupas
Um medo consciente ou não de invasão
Eu, ele e as marcas de violação
O observando nu
Ressignificando para proteção
Outro dia me refiz
Catei os cacos
Tomei uma decisão
Apoiada por várias como eu
Decretei o NÃO
Não terão poder sobre mim!
Violento sistema de opressão

ME DISSE

Você me disse
Que aprendi a ser muito sozinha
E que desde pequena, preta e desajeitadinha
Como poderia querer ser vista?
"Mulher tem que ser assim..."
"Mulher tem que saber, saber se comportar"
"Mulher não pode reclamar"
Saber se dar prazer?
Não!
Só o homem pode gozar
Temos que nos moldar?
Aceitar as submissões?
Ignorar o cansaço físico e emocional
Sem dar um pio
Silenciadas
Agridem nossa saúde mental
E temos que mostrar os dentes
Afinal, pode pegar mal
Verbalizamos o não!
Não às nossas mortes
Não às nossas mortas
Filhas de Marias
Filhas da Luta
Raízes dessa nação

MOVIMENTE-SE

O balanço que me trouxe/ traz me constitui
O que é ser uma mulher negra?
Respostas várias e diversas
Que cor é ser negra?
Me apontam com um olhar de responsabilidade
Que gingado é ser negra?
Querem uma definição única numa caixa
Que ensinamentos/vozes me cochicham as muitas formas de ser?
Arrepio, arrepio
Choro e como e quando e porque choro?
Tinha 20 anos quando me vi negra
Uma beleza e uma história que me foi negada
O balanço de tantas trajetórias, coletividades e memórias de um tempo de ensinamentos que se revela no agora.

LADIS

Raíssa Ladislau Leite [Marabá-PA]. Nasci em Montes Altos no Maranhão. Sou uma mulher negra bissexual e acredito na arte como instrumento de resistência, tenho uma trajetória na Coletiva de Teatro Madalenas Tuíra em Marabá-PA. Sou egressa do Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia, e possuo graduação em Ciências Sociais – UNIFESSPA.

É MEDO

Qualquer lugar pode se transformar em um lugar de medo para uma mulher. Especialmente, o lugar onde habita os nossos sonhos. E, geralmente, demoramos, e muito, a perceber e a entender esses lugares até sentirmos e enxergarmos, na pele, os profundos e doloridos rasgos que um sonho amordaçado, quase sempre, encoberto pelos discursos de igualdade de possibilidades, é capaz de tatuar na vida de nós, mulheres. Madalena, por exemplo, é dessas mulheres que por onde passa provoca olhos, ouvidos, línguas, corpos e mentes pela vivacidade de sua presença, pelo toque irresistível das passadas de sua existência pelo palco da vida. Corajosa e linda, ela nunca, nunca passa despercebida. É uma vida tão estonteantemente viva que assombra e incomoda os desprovidos da alegria de viver com alegria. Mas, ultimamente, Madalena anda cabisbaixa, de olhar amedrontado e uma aparência um tanto enfraquecida do vigor de vida que ela exala. Tenho pra mim que são os andores a que a vida a tem exposto. E digo mais, não devem ser poucos.

Apesar de ser intensamente viva, Madalena tem se deixado parar e, em seu peito, socos agressivamente apertados e fulminantemente doloridos tem tirado a beleza dos suspiros leves que seu estonteante olhar para a vida lhe proporciona. Ontem mesmo, Madalena não dormiu, mas, como tem andado muito calada e de poucos risos, não me atrevi a perguntar o que tanto a tem deixado enevoada porque Madalena é dessas mulheres que só em acordar é motivo para grandes festas e agora está assim, sem feitio, sem viço, sem cor. Está tão estranha. Sem dúvidas, algo grande tem acometido a potência exalante de vida que ela é. Sinceramente, fico muito

triste em pensar o que possa estar matando a leveza de uma vida tão brilhante, porque ela é algo tão belo de se ver e ouvir que é impossível não ser inundado por tamanha grandeza.

Lembro-me que a pouco menos de três anos, Madalena saiu do conforto da casa dos seus pais para tentar a sorte numa cidade grande. Saiu tão linda, o sorriso dela era como um mar envolto por um belo dia de sol, com as ondas a tocar a sua boca, alargando e abrilhantando, ainda mais, o seu vibrante e entontecedor sorriso. Junto de seu sorriso, brotavam sem cerimônia, os seus pensamentos e os seus sonhos. Ela pensava e dizia, dizia e pensava sem medo de errar. Todo o seu corpo exterior vibrava numa sincronia perfeita com seu corpo interior. E como era gigante esta vibração! e como eram grandes os seus pensamentos, os seus sentimentos, o seu fôlego em viver e a forma como expressava-se. Simplesmente, apaixonantes! Assim, como uma passista de samba a encher uma passarela de magia e alegria, ela saiu de casa com uma bagagem cheia de sonhos: estudar, trabalhar, crescer na vida para realizar os planos planejados, ajudar os seus, brilhar e viver, e viver para brilhar.

E em tão pouco tempo volta, parecendo estar destronada de seus sonhos, destituída de suas expectativas e tentando buscar alento e força, mesmo em seu silêncio inquietante, junto dos seus. As suas palavras não são mais as mesmas, parecem ter perdido a coragem e a liberdade de serem ditas, parecem dizer que, agora, só deseja sobreviver. Aquela mulher que a pouco vibrava o mais puro encanto pela vida e cujo corpo bailava, na mesma sintonia, por dentro e por fora, agora é só silêncio e mistério em meio à multidão. É, nitidamente, uma mulher tolhida, encolhida, diminuída, processada e desfocada para não mais assombrar, nem incomodar, muito menos brilhar.

Apesar do silêncio que estarrece e incomoda quem um dia a conheceu florescente, eu consigo compreendê-la mesmo em silêncio, justamente porque um dia, eu também saí de casa para trilhar os muitos sonhos que brilhavam em meu coração. No entanto, eu voltei. Voltei e fiquei parada porque a vida não foi fácil nem bonita. Quando adentrei os inúmeros e novos espaços a meu alcance, distantes de minha costumeira realidade, deparei-me com um sentimento que, no conforto do meu espaço, era pouco perceptível, o medo. É, o medo. Sim, Ele mesmo, O MEDO. Eu senti o Medo, de verdade, quando, tendo muitos sonhos e coragem para buscá-los, comecei a ser encurralada por onde passava por expressar e lutar para realizar as minhas pretensões. Eu senti medo, quando fui assediada em todos os meus sonhos por, simplesmente, ter a certeza de que os realizaria e, a partir deles, teria a chance, não somente de caminhar, pular ou dançar, mas de voar.

Aliás, eu nunca imaginei que sonhar incomodava tanto, nunca pensei que lutar para ocupar espaços sonhados era motivo para sentir medo. Passei a sentir Medo, porque sempre surgia no caminho uma Pedra a exigir em troca não só os meus sonhos, mas o meu corpo, toda a minha alma e o meu coração, fazendo-me ter medo de ser quem eu era, passando a existir assim, podada e anestesiada em minha essência naturalmente vibrante. O medo me fez parar, voltar e trancar os meus sonhos e sorrisos numa existência limitada em perspectivas porque ele cresceu a tal ponto dentro de mim, que obrigou tudo que era vibrante a sair, deixando só um enorme e silencioso medo.

Hoje, olhando para Madalena, percebo que deveria ter gritado o meu silêncio para que meus sonhos não fossem paralisados pelo medo de enfrentar as circunstâncias, naquele momento, altas e

fortemente muradas e aparentemente intransponíveis, como se não houvesse chance de cogitar resistir. Eu deveria sim ter resistido, colocado o peito à prova. Não deveria, simplesmente, ter voltado e engavetado, como quiseram e conseguiram, os meus planos. É certo que enfrentar o mundo não é algo simples, hoje eu sei disso. Sei também que as oportunidades não são as mesmas para todas nós. Mas, hoje tenho plena certeza de que é preciso resistir, principalmente, se nos causa qualquer forma de dor, porque nesse jogo de queda de braços, o silêncio medroso é a meta daqueles que se opõem aos sonhos de uma mulher.

Hoje consigo refletir, e quantas Madalenas estão, agora, queimando seus sorrisos e sonhos em lágrimas, em dias e noites infinitas de silêncio e solidão, por não terem forças para resistir? Quantas Madalenas, hoje, são obrigadas a abandonar os seus sonhos, por serem entendidas como ameaça ao lugar "comum" para uma mulher? Eu posso dizer que, faço parte da estatística dessas quantas, mas, hoje, compreendo que posso, pelas minhas vivências, ajudar Madalena a acordar e a sair do caos em que foi lançada porque, levantando-a, eu estarei também, ficando de PÉ. Hoje sei que, nem sempre, é fácil para uma mulher falar de si, abrir o seu coração sobre o que está enfrentando em seu dia-a-dia. Na maioria das vezes, nós vivenciamos em todos os nossos dias a solidão e, optamos pelo silêncio, unicamente, por MEDO. Um medo cruel que tem nos tirado as possibilidades de escrevermos novas e grandes histórias para nossas existências.

Por isso resolvi escrever, e, aquilo que não gritei com minha boca enquanto estava sendo sugada, profundamente, em meus sonhos, eu grito nestas linhas. Não se deixe amedrontar. Não volte sem resistir. Não pare até conseguir. Quem sabe Madalena leia

estas breves palavras e as dores silenciosas de medo que a oprimem hoje, encontrem-se com as minhas dores já não tão mais medrosas fazendo-a ficar, mais uma vez, florescente, viva e de pé, para tornar a lutar por seus objetivos? Quem sabe? Infelizmente, para a quantidade de Madalenas, no mundo, que sofrem em silêncio, por medo de resistir, ainda nos faltam também, espaços que nos permitam o aconchego capaz de nos fazer enxergar e entender, quão próximas deveríamos ser e estar, sem julgamentos, sem competições, apenas em um gigante laço fraterno a nos conduzir reduzindo as chances dos silêncios medrosos de levarem infinitas Madalenas a desistirem de sonhar.

Madalena, se leres, abraço-te em cada linha com imenso amor. Eu entendo a tua dor.

REJANE CÉSAR ARAUJO

Rejane César Araujo [Marabá-PA]. Hoje, resido em Marabá no Pará e estou cursando Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Amo a vida e acredito muitíssimo no poder do amor e da fé. Anseio por dias, onde todas nós mulheres, tenhamos a oportunidade de realizar os nossos sonhos.

2ª CHAMADA PARA O FINAL FELIZ

Quando eu era pequena, as pessoas costumavam dizer que o Amor era e estava em coisas como: “Proteção e gentileza”, “O amor é lindo e protetor.”

Eles só falavam que o amor era isso e aquilo, mas ninguém dizia o mais importante, o que não era amor: o Amor não te machuca, não briga e não dói, ou como diz São Paulo: “não arde em ciúmes”.

Se antes eu soubesse, hoje não estaria neste leito de hospital, com um policial de canto, preenchendo um boletim de ocorrência. Ele me perguntava coisas, como:

-Há quanto tempo vem acontecendo esses incidentes? Há quanto tempo ele pratica violência física?

Logo, respondi, era o trabalho do policial, não havia motivos para culpá-lo do que acontecera comigo, aliás, minha história deve ser tão parecida com a de tantas outras mulheres antes de mim, meu caso não lhe causaria nenhum espanto. Enfim, fiz minha denúncia formal ao oficial.

Naquela sala de hospital, em frente a vários outros leitos, todos ali com suas histórias, aguardávamos impacientemente o dia da alta, para sair de vez daquela tribulação.

Enquanto a minha vez não chegava, deitada naquele leito, eu estava a refletir para não ver o tempo passar de forma tão lenta, perguntava-me: “Como eu deixei isso chegar tão longe?”

Tudo começou com tão grande romantismo, ar de um incomparável amor, sem nenhuma dívida aos estereótipos de filmes de comédia romântica. Eu ganhava serenatas, com composições escritas exclusivamente para mim.

Essas demonstrações de afeto e carinho, nunca outrora recebidas por mim, convenceram-me a me unir a ele fisicamente. No entanto, com o passar do tempo, ele me apresentava pequenas sugestões sobre meu comportamento, maneiras de me vestir, maneiras de falar, e assim por diante. E eu confesso que usando os óculos da paixão, eu enxergava tudo de uma forma muito inocente, mas hoje relembro-as e percebo que retirando os graus de quando se estar apaixonada, essas pequenas frases já eram o início de todo sofrimento. Deixe-me dizer algumas: “-Essa roupa é muito curta, recuso-me a sair contigo assim.”; “Fazer faculdade, para quê, amor? Quem preparará meu jantar quando eu chegar do trabalho?” “-Você era muito diferente antes de mim, eu te fiz mudar para melhor.”

E tudo continuou assim, o que antes era um sonho, eu a princesa, de vestido branco e ele o meu príncipe, pronto a me defender, com nossos lindos filhos e nossa casa sendo o nosso reino, com nosso final feliz, ao passar do tempo tornou-se um pesadelo, o vestido branco da princesa começou a ser respingado do vermelho violento mais parecido com o carmesim, o príncipe transformou-se na fera, fazendo o movimento contrário dos contos de fada, e não havia mais beijo algum que o salvasse da maldição, nosso lar, antes, nosso reino, virou um inferno e os nossos filhos não viam mais um herói protetor no pai, mas, sim, um vilão, do qual deviam se proteger. Ou seja, a toda aquela graça inicial acrescentou-se o prefixo “des”, transformando-se em desgraça.

Pequenos toques e abraços que me faziam sentir-me amada viraram empurrões, tapas, socos, ameaças e desacato. Após isso, vinha sempre aquele pedido de desculpas, eu o perdoava, reconciliávamo-nos, mas novamente acontecia os maus tratos contra mim, e eu agradeceria muito se os hematomas ficassem apenas no meu corpo,

o problema era que aquelas feridas também perpassavam a minha alma e nela as cicatrizações pareciam eternas.

Apesar de sofrer tudo isso e tentar manter nosso casamento, ainda era vista como uma esposa ruim, pois o meu "digníssimo" ainda passava-se por vítima, difamava-me para todos quanto podia, amigos, família. Aliás, eu cometia o terrível crime de não ser a esposa sorridente em meio a tudo isso. Ele mentia tão bem, que foi uma surpresa para todos, saberem que estou no hospital e o motivo foi violência doméstica. Esta última discussão foi terrível, que não houve como esconder, algum vizinho o denunciou, a quem quer que seja, meu muito obrigada. No momento, não sei onde ele está, espero que a polícia o encontre o mais rápido possível.

Aqui deitada não me preocupo se me culparão ou não, eu sei que eu fui a vítima, independentemente das justificativas que o vilão da minha história invente. Eu o amava tanto que demorei a perceber que estava casada com um monstro, e o antídoto para a mudança dele não dependia de mim, o erro de muitas de nós mulheres é pensar que nós somos centro de reabilitação e que daremos jeito no mais cruel dos agressores

No momento, eu estou cheia de hematomas, lábios cortados, dentes trincados, mas eu suspiro liberdade, o meu rosto refletido na tela do celular é a prova mais contundente que eu posso apresentar para a justiça e a quem quer que seja, e o meu "digníssimo" não poderia ter tido outra atitude, senão essa, agir como um covarde e fugir.

Agora, pretendo recomeçar bem distante daqui e dele. Sei que tudo mudou para sempre e que eu nunca mais serei aquela garotinha inocente que pedalava pelas ruas com vestidos de estampas mais floridas que um jardim na primavera, mas sei que agora estou livre e posso ter o meu final feliz.

FIM DO PSEUDO AMOR

Eu quero flores, pois assim terei um amor seguro
Tu és meu tudo, agora tenho um amor de ouro
Eu quero beijos, pois assim terei um amor eterno
Tu és lindo, agora tenho aquele amor pleno

Doces ilusões que costumava recitar pra mim
Brigávamos, depois me presenteava com Jasmim
E noites mal dormidas perpassam a todo o tempo
Lágrimas que caem lavam o chão, deixam o limpo

Sabemos quando o amor se foi embora e nos deixou
Quando o mesmo traz medo e dor, e ele não mais se queixou
Devolva agora minha juventude e próprio amor

Teus toques e abraços não me trazem nada além de tremor
Saia da minha vida e não volte mais pra meu lado
Desde hoje agora, nosso amor está exilado

SOL DOS CAMPOS CRUZADOS

Alisson da Cruz Vaz [Marabá-PA]. Eu sempre admirei muito grandes escritores, mas confesso que nunca tinha tentado escrever algo até maio de 2023, quando eu me desafiei a escrever minha primeira poesia devido ao apoio de uma querida amiga, Vitória Sarah, que sem ela não estaria vivendo esse meu lado artístico e escritor. Com isso fundei a página no Instagram, @poemasolcamp

QUEM SOU EU?

Sou estrela d´alva cintilante,
Que o mundo inteiro clareia
Fazendo florescer harmonia
Sou brilhante noite e dia;
Encantadora, magnifica sereia,
Faço a vida geminar com fé,
Sou a deusa mulher !

Acalento família em conflito
Retiro a dor, tristeza, ferimento;
Sou remédio verdadeiro eficaz
Que todo necessitado vai atrás
Para estancar qualquer sofrimento.
Sou âncora para Maria ou José
Sou a deusa mulher !

Encorajo o humilde desanimado,
Carente de amor, aconchego, perdão;
Todo aquele que está padecendo
Vou com presteza acolhendo,
Para salvaguardar no coração.
Tenho esta missão do sacro Javé
Pois sou deusa a mulher!

MULHER DE LUTA

Criação divina, multiplicada;
Nascida para o assaz embate
Que jamais da luta se eximiu,
Apesar do sofrer, tratamento hostil,
Batalha de forma idônea, salutar,
Com prudência e habilidade
O topo do mundo é seu lugar.

Tem equivalência no oficio
Também na ideia de criação,
Gestora de múltiplos saberes
Tem poder e conhecimento nas mãos.
Faz o empreendedorismo prosperar,
Economia, saúde, educação alavancar;
Trabalhadora com autêntica aptidão.

Eximia militante na politica
Voz atuante defensora,
Protegendo vidas femininas,
Manicure, executiva, agricultora;
Mãe que vive a escravidão
Menina que sofre exploração,
Clamem por mulheres protetoras.

DIGA NÃO

Diga não as ideologias perniciosas
Que cerceiam da mulher a liberdade,
Pensamento perverso, dominador,
Diga não a todo ato de inferioridade.

Não permita quaisquer violências,
Sobretudo física, psicológica, moral,
Desaprove a crítica machista
Abnegue, refute, exploração sexual.

Diga não ao assovio malicioso
Que é chaga de importunação,
Nunca compactue com assédio
Defenda o direito e saia da dominação.

Diga não e relute infinitamente,
Afaste-se do jugo dominador,
Ideias nocivas, agressão do cárcere,
Diga não ao sexíssimo opressor.

Não é aceitável humanamente,
Da mulher a vida ceifar,
Proibindo sonho, desejo, sucesso;
O empoderamento da vida exterminar.

Diga não a subjugação feminina,

A todo modo de tratamento desigual;
Exija sempre o digno respeito
Seja empoderada, mulher honrada especial.

MANIFESTO

Lutarei incansavelmente sem fraquejar,
Sem temer no mundo opressão,
Nunca me curvarei a castigo
Ao machismo tirano direi não,
Não ao misógino ensandecido
Que pratica no universo feminicidio
Combaterei sem medo do perigo.

Não admito o cruel estereótipo
Tampouco a trivial brincadeira
Qualquer maléfica importunação,
Contesto com armas de trincheira
Digo sempre não ao pensamento
Que causa dor e sofrimento,
A liberdade da mulher ordeira.

Não a domesticação nefasta, sexista,
Que faz a mulher enclausurada
Refém da tortura, insalubridade,
Existência de dor, desamparada.
Mas, sim o grito de liberdade,
Com paz, amor, viver a fraternidade;
É dever toda mulher ser respeitada.

VALDIR DE ARAÚJO

Valdir de Araújo Silva [Marabá-PA]. Licenciado em Letras Língua Portuguesa, pela UFPA – Professor no ensino fundamental, no município de Marabá. Cordelista. Membro da AESSP. Participa de antologia e Anuário da Poesia Paraense. Tem as seguintes obras publicadas: Riquezas do Pará, A Saga de Frankolino. Já venceu alguns prêmios no gênero poesia, promovido pela Academia de Letras do Sul e Sudeste Paraense.

LEITURA DE MUNDO

Corajosamente mãe!
Pôr-se no infinitivo e Dançar
Tornar nossas filhas bandeiras
Encabeçar o Canto que vem da margem
Margear-se amorosamente
Protestar com Toque
Tatear mão a mão, o que nos move
Abandonar o que nos torna público
Tornar-se pública
Pôr-se de costa a Publicação diária
Corrupção
Promessas
Descaso
Desculpas
Tudo certo, rasteiro e posto pelo oposto daquilo que somos.
O passo, ainda que pequeno
O grito, ainda que contido
O Visto, ainda que nublado
Incendeia-nos Esperançosamente!
Somos protesto!
Nuclear desejos nos torna moventes.

PONTO CANTADO

Tudo que tenho feito
É me cortado
Nas letras de teus acentos
Me puseram à mesa
Cheia de pontos

Tudo que tenho feito
É costurado histórias
Remendado memórias
E tecido corpos
Na travessia, feitos de (re)cortes

Se vestida ou rasgada
Me encontro em vestes de outras saias
Do corpo feito noutro molde

Tudo que tenho feito
É me cantado no couro de minha
(Re) existência
Feita instrumento de pele
Traçada à corda, cheia de nós

Tudo que tenho feito
É evocado a alegria de minha costura
Emendado pontos, linhas, curvas
Tudo que tenho feito
É me plantado nas ausências

Dos Terreiros de meus quintais
Feita adubo, na alegria interditada
Pelo sequestro de minha pele

Na feitura de minha luta
Saio com as mãos ocupadas
A procura da escuta de meu tecido
Que movimenta lento
A produção do negado lugar
Assim chego no mar
E retomo a cantiga de meu ponto
Entonemos!

Eu sou serei
Eu sou serei
Sou sereia do mar
É nas águas da sereia
Que eu banho pra me encantar
Aé serea
Aé aé a
É no balanço do mar
Que assento o meu lugar

LÍQUIDA

Eu rio
Mansa
Dentro do meu lugar de lagoa
E existe uma correnteza de mãos
Nalgum remanso,
Que toca à habitação de minhas imagens
Nas esquinas onde me cruzo.

Eu rio
Turva
Há muito, escolho por onde derramo,
Em ramo nos meus ramos ancestrais
Feita as vezes de terra ou de pedra,
Eu, Água. Encho meu próprio corpo
Trazido do além-mar

Eu rio
Sou da lama
Dou de beber ao coração de minha variação
Sinto meu pé, no chão da terra de minha Largura, dura e fértil
E é dessa força que me banho
Pra espantar qualquer quebranto

Eu rio
Líquida
A matutar, Mulher e saber...
Ao sabor de ficar pra semente

Nos partos, filhas de minhas existências.

Eu rio
Mansa
Turva
Lama
Líquida
Nascente
Na mulher aquosa de meu batalhão
Derramo, Dilato, Refogo,
Transformo estados de força e dor
É entre elas que escorro.

(PELE)GRAFIA

(para Aliane Alencar)

Imagens
Imagens
Imagens... âncoras em nossos corpos
Ampliam nossas margens
Criando um (re)trato
Do tato que se fez sentido
Infinito Acalentar de memórias
Em metamorfoses
Trança beradeiros
rumo adentro
Dentro dança a imargem
Há pele... Há sempre pele!
Na mira agem...vivo o olhar dos teus
Teus versos
Escritos
De tato
De cor
De cheiro
De sabor
Ver e avessa miragens, debaixo de árvores
Nos teus (di)versos, deita!
Há pele... Há sempre pele!!
Tudo já derramado pelo tempo contorno.
(Con)torna metade
(Re)torna idade

Se torna saudade
Há pele...Há sempre pele!
De pelegrafia somos feitas.

VANDA MELO

Vanda Melo dos Santos [Marabá-PA]. Mulher preta, Poeta, mãe, Mulherista, integrante das Comunidades de Terreiro, do MNU (movimento negro unificado estadual), do grupo de ação cultural São Félix (GAC), do grupo de Capoeira Guerreiros do Quilombo, da Coletiva de Teatro da oprimida Madalenas Tuira, Arte Educadora popular, funcionária pública na Educação Básica, atuando na Educação Infantil e Ensino Médio. Licenciada plena em Pedagogia, UFPA; Licenciada em Dança. PARFOR-ETDUFPA Especialista em Política de promoção da igualdade racial na escola. UFPA-UNIAFRO. Integrante do Núcleo de estudos Xamanísticos na Amazônia NEOXAMAM da UNIFESSPA. E do NEABI Núcleo de estudos Afro-brasileira e Indígena UNIFESSPA.

DADOS SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM 2025

Ministério da Mulher: Em março de 2025, o Ministério das Mulheres lançou o **Relatório Anual Socioeconômico da Mulher (RASEAM 2025)**. Os dados mostram que entre 2015 e 2024 foram registrados **591.495 casos de estupro** no Brasil, com média de **196 ocorrências diárias em 2024.** Também foram divulgadas estatísticas do **Ligue 180**, da rede de acolhimento a mulheres, com aumento de denúncias em 2023 — sobretudo de violência psicológica (33%) e física (30%).

https://www.gov.br/mulheres/pt-br/central-de-conteudos/noticias/2025/marco/ministerio-das-mulheres-lanca-o-relatorio-anual-socioeconomico-da-mulher-raseam-2025

https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/pela-vida-das-mulheres-o-papel-da-arma-de-fogo-na-violencia-de-genero-4aedicao-instituto-sou-da-paz-2025/

Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP): O **Mapa da Segurança Pública 2025** (dados de 2024) **reforça em 11/06/2025** que houve: * **2.422 homicídios de mulheres**, dos quais **1.459 feminicídios**

***71.834 casos de estupro** — também média de cerca de **196/dia**

https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/mapa-da-seguranca-publica-2025-brasil-reduz-homicidios-dolosos-e-bate-recorde-em-apreensoes-de-drogas

*Aumento de casos de feminicídios (+0,69%) e tentativas de homicídio (+16,1%) em relação a 2023

https://www.cartacapital.com.br/sociedade/mapa-da-violencia-mostra-recorde-em-casos-de-feminicidio-no-pais/

Atlas da Violência & Fórum Brasileiro de Segurança Pública : O **Atlas da Violência 2025** revela que o Brasil registra em média **10 homicídios femininos por dia** (taxa de cerca de 3,5 por 100 mil mulheres), com níveis ainda mais altos entre negras e pardas (68,2% das vítimas)

https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil/brasil-tem-dez-mulheres-assassinadas-por-dia-segundo-atlas-da-violencia/

O relatório **Visível e Invisível 2025** apontou que **16,9% das mulheres brasileiras** sofreram agressão física no período de 12 meses — cerca de **9 milhões de vítimas**

https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2025/03/relatorio-visivel-e-invisivel-5ed-2025.pdf

CNJ – Conselho Nacional de Justiça:

Em março de 2025 foram **10.991 processos de feminicídio julgados**, um aumento de 225% em comparação a 2020.

Os casos novos (8.464) somam-se aos pendentes, totalizando mais de **1,29 milhão** de processos relacionados à violência doméstica em andamento.

https://www.cnj.jus.br/novo-painel-da-violencia-contra-a-mulher-e-lancado-durante-sessao-ordinaria-do-cnj/

(Contribuição da advogada e escritora Cláudia Chini)

SOBRE A ARTISTA DA CAPA



DONA Z

Esita Silva Machado (Dona Z), nasceu em 9 de setembro de 1947, no interior do Maranhão. Reside em Marabá há mais de 40 anos onde se tornou ativista pela cultura e ajudou a criar instituições como o Galpão de artes de Marabá.

A vida de Dona Z daria um filme ou muitos quadros

Minha mãe sempre foi uma mulher espantosa devido a seu jeito múltiplo e contraditório de ser: elegante, altiva, voluntariosa, trabalhadeira, ousada, valente. É uma artista de múltiplos talentos. Dona Z ama cantar e sabe cantar divinamente bem, poderia ter sido cantora profissional, não há dúvida. Dona Z ama fazer trabalhos manuais a partir de objetos pouco usuais, neles reúne seus talentos de costureira, artesã, bordadeira, escultora, criando objetos novos, diferentes, estranhos e belos. Dona Z ama pintar quadros, aliás, essa foi a sua atividade artística principal, a mais constante.

A fase de pintar mulheres demorou a acontecer. E quem disse que eram mulheres comuns em situações comuns? Eu mesma acostumada ao seu trabalho tão diferente, desde sempre, não

soube o que dizer diante de tantas mulheres nuas, voluptuosas, em movimentos surpreendentes e em lugares estranhos ou cercadas de uma natureza crua e de animais selvagens.

Aquelas mulheres, bailando no ar, sozinhas ou em duplas, cercadas de coisas e de natureza são as mulheres que Dona Z queria ver no mundo. As mulheres dos seus sonhos, as que sonham em delírio onírico libertador, transgressor, revolucionário expresso nas cores extravagantes, poses inesperadas, formas exageradas, cabeleiras imensas, olhos arregalados e bem marcados, frontais. Lembram a arte egípcia e as esculturas femininas de muitas culturas antigas, onde a figura feminina era sagrada.

Diante da nudez de suas mulheres, há encantamento, aplausos e identificação, mas há também controvérsia, já foi acusada de indecência mais de uma vez. Lembro-me bem de uma resposta sua a uma mulher que viu seu quadro e reclamou de ter mulher nua, ao que Dona Z respondeu; "não é uma mulher, é uma pintura". Ela, que não estudou, nunca viu Magritte.

Profa. Dra. Eliane Pereira Machado Soares